



**Prefeitura de
Fortaleza**
Coordenadoria de Juventude



II SEMANA DE ARTES CÊNICAS DO CUCA BARRA
A dança nos pés, olhos e cabeça
DE 13 A 16 DE MAIO DE 2014

SUMÁRIO

4 **Apresentação**

6 **Expediente**

8 **Programação Geral**

14 **Vivências em dança**

18 13 de maio: Vivência em Sapateado, professor Heber Stalin

28 13 de maio: Vivência em Dança Contemporânea, professor Wanderson de Souza

36 14 de maio: Vivência em Ballet Clássico, professora Neiliane Felipe

46 15 de maio: Vivência em Jazz, professor Nilton César

54 **Intercâmbios em dança**

58 14 de maio: Intercâmbios em Dança: Mira Ira, Blackout e Erro-K

76 15 de maio: Intercâmbios em Dança: Ballet Jane Ruth e Tommy Swing

92 16 de maio: Intercâmbios em Dança: LA Dança Urbana, Poros e X-Secret

108 **Encontros transdisciplinares**

116 **Exibição de Filmes e Documentários**

APRE SEN TAÇÃO

A **Semana de Artes Cênicas** do Cuca Barra tem como objetivo proporcionar a troca de experiências e saberes nas diversas linguagens cênicas (circo, dança, teatro e manifestações dramáticas populares).

Entre os dias 13 e 16 de maio de 2014, o Cuca promoveu a segunda edição do encontro, que recebeu o nome “**A dança nos pés, olhos e cabeça**”. A **II Semana de Artes Cênicas** teve como proposta o intercâmbio e a troca de saberes em danças de diversos estilos. Trata-se, portanto, de uma proposta de cunho artístico e pedagógico, que promoveu o encontro, a interação, a interdisciplinaridade e a reflexão crítica sobre como a dança amplia o saber e estimula a criatividade.

A programação contou com a **exibição de filmes e documentários** clássicos sobre dança em locais abertos do Cuca; **encontros transdisciplinares**, com aulas de dança e consciência corporal para alunos de práticas esportivas da Rede Cuca – Kung Fu, Jiu Jitsu e Natação; **vivências em danças** de estilos diversos, seguidas de rodas de conversa, nas quais os alunos puderam conhecer as trajetórias profissionais dos professores no mundo da dança, saber um pouco mais sobre o estilo de dança praticado e discutir como ela se relaciona com outros estilos e com outras dimensões da vida, como a família, o trabalho, os amigos e o mercado; **intercâmbios em dança**, como um espaço de troca de saberes e experiências com grupos de jovens que vivenciam e praticam estilos diferentes de dança.

EXPE DIEN TE

_PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Prefeito: Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito: Gaudêncio Lucena

Secretário de Juventude: Élcio Batista

_INSTITUTO CUCA

Presidente: Lara Vieira

Superintendente Administrativo-Financeiro: Adriana Victorino

Diretora de Educação: Juliana Marinho

Diretor de Difusão e Programação: José Alves Netto

Diretora de Promoção de Direitos Humanos: Elisa Calpona

_PUBLICAÇÃO

Organização: Nádia Sousa e Nataly Sombra

Relatora: Jocastra Holanda Bezerra

Supervisão geral: Dal Pires

Edição: Raphael Alves

Projeto gráfico e diagramação: Daniel Bandeira

Fotografia: André Martins

PROGRAMAÇÃO GERAL

13 a 16 de maio de 2014



II SEMANA DE ARTES CÊNICAS DO CUCA BARRA
A dança nos pés, olhos e cabeça
DE 13 A 16 DE MAIO DE 2014

REDE CUCA Barra Prefeitura de Fortaleza

WWW.FORTALEZA.CE.GOV.BR/REDECUCA

- [/redECA](#)
- [/juventudefortaleza](#)
- [/prefeituradefortaleza](#)
- [@redECA](#)
- [@juventudepmf](#)
- [@juventudefortaleza](#)

REDE CUCA Barra Prefeitura de Fortaleza
Coordenação de Juventude



Pela ampliação do saber e pelo estímulo à criatividade, a Rede Cuca convida todos a participarem da Semana de Artes Cênicas do Cuca Barra, que acontece entre os dias 13 e 16 de abril, com uma proposta de cunho artístico e pedagógico, para promover o encontro, a interação, a interdisciplinaridade e a reflexão crítica sobre a dança.

[Cinema]

Exibição de filmes e documentários em locais abertos do Cuca Barra. Aberto ao público.

[Encontros Transdisciplinares]
Aulas de dança e consciência corporal para alunos de práticas esportivas da Rede Cuca.

[Vivências em Dança]

Vivências em dança para alunos Rede Cuca. Após a vivência, os alunos terão uma roda de conversa com o(a) professor(a) para conhecer sua trajetória no mundo da dança e conhecer um pouco mais sobre o estilo de dança estudado.

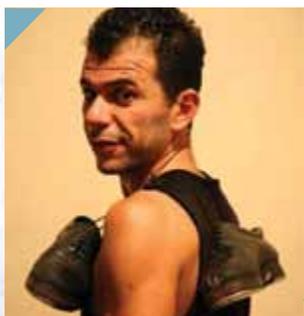
[Intercâmbios em Dança]

É um espaço de troca de saberes e experiências com grupos de jovens que vivenciam e praticam estilos diferentes de dança.

13/05_ter



[Cinema] » sala de matrícula » 8h às 20h
Dirty Dancing – Ritmo Quente (1987)
Dançando na Chuva (1952)
Ela Dança, eu Danço (2006)
Cisne Negro (2010)
Tango (1998)



[Vivências em Dança] » Sala de Artes Cênicas » 9h às 12h
Sapateado, com professor Heber Stalin
OBS: Os participantes devem usar roupas leves

[Encontros Transdisciplinares]
» Tatame » 10h às 10h30
Aula de dança para a seleção de Kung Fu, com professor Aurélio Lobo

13/05_ter

[Vivências em Dança] » Sala de Artes Cênicas » 14h às 17h
Dança Moderna, com o professor Wanderson de Souza
OBS: Os participantes devem usar roupas leves



[Cinema] » Pátio/escada » 15h às 17h
Os embalos de sábado à noite (1978)

[Encontros Transdisciplinares] » Tatame » 18h às 18h30
Aula de dança para alunos do jiu jitsu, com professor Luis Alexandre

14/05_qua



[Cinema] » Sala de Matrícula » Dia todo
Billy Elliot (2000)
Cabaret (1972)
Grease – nos Tempos da Brilhantina (1978)
Moulin Rouge – Amor em Vermelho (2001)
Chicago (2002)



[Vivências em Dança] » Sala de Artes Cênicas » 9h às 12h
Ballet clássico, com profa. Neiliane Felipe
OBS: Os participantes devem usar roupas leves

[Encontros Transdisciplinares]
» Piscina » 15h às 15h30
Aula de alongamento para alunos da Natação, com professora Roberta Bernardo

14/05_qua

[Intercâmbios em Dança] » Cineteatro » a partir de 18h30
Miraira + BLACKOUT + Erro-K



15/05_qui

[Cinema] » Sala de Matrícula » 8h às 20h
Flashdance (1983)
Footloose (1984)
Vem dançar comigo (1992)
Hairspray (2007)
Só quando eu danço (2009)



[Vivências em Dança] » Sala de Artes Cênicas » 9h às 12h
Jazz com o professor Newton César
OBS: Os participantes devem usar roupas leves



15/05_qui

[Encontros Transdisciplinares] » Sala de Artes Cênicas » 16h às 16h30
Aula de consciência corporal para alunos do Jiu Jitsu, com professor André Nogueira



[Cinema] » Biblioteca » 18h às 20h
Rocky Horror Picture Show (1975)
Seguido de debate com o professor André Nogueira

15/05_qui



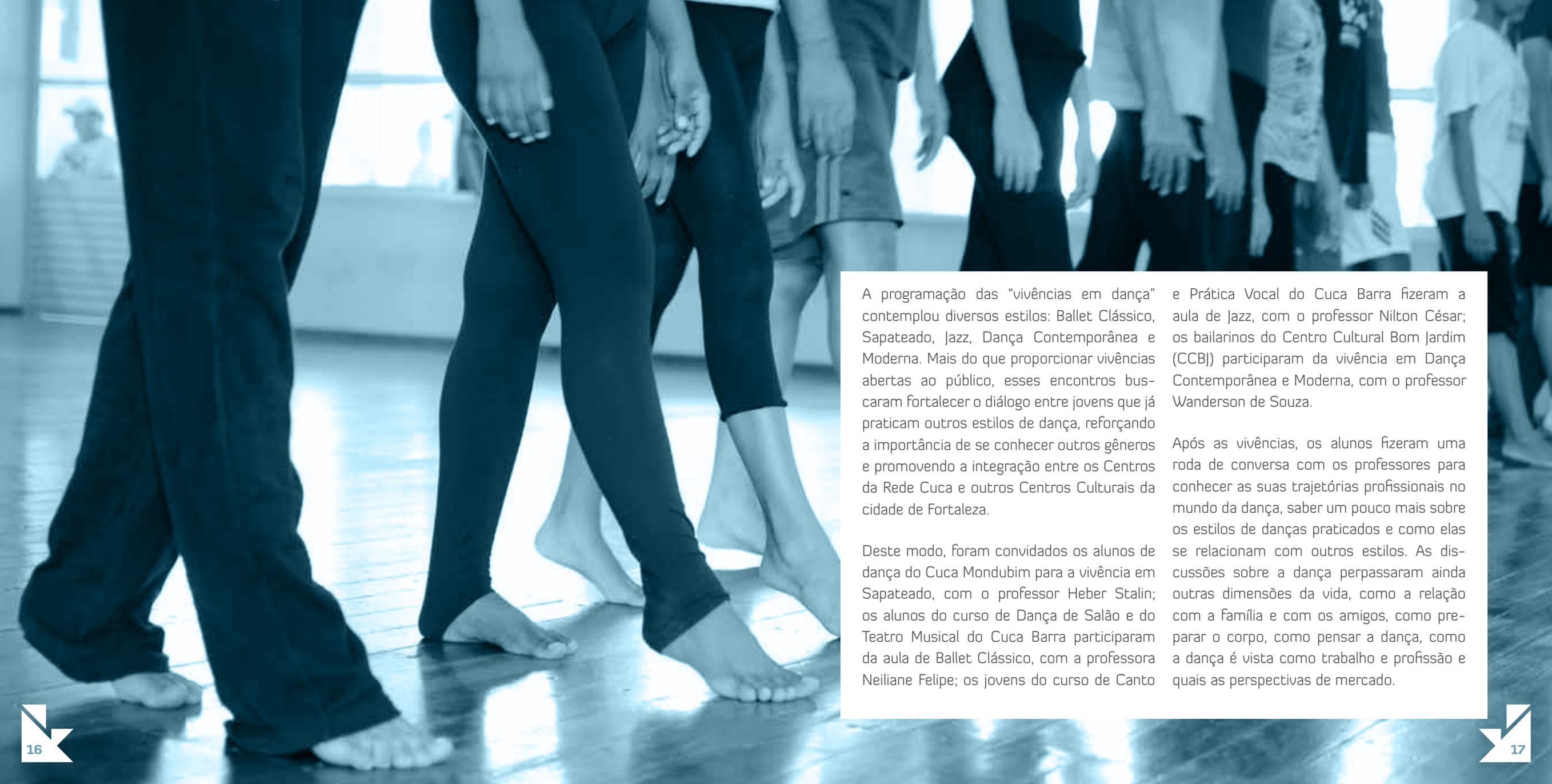
[Intercâmbios em Dança] » Cineteatro » a partir de 18h30
Ballet Janne Ruth + Tommy Sving

16/05_sex

[Intercâmbios em Dança] » Cineteatro » a partir de 15h
La Dança Urbana + Poros – Pesquisa e Produção em Arte + X – Secret



VIVÊ
CIAS
EM
DANÇA



A programação das “vivências em dança” contemplou diversos estilos: Ballet Clássico, Sapateado, Jazz, Dança Contemporânea e Moderna. Mais do que proporcionar vivências abertas ao público, esses encontros buscaram fortalecer o diálogo entre jovens que já praticam outros estilos de dança, reforçando a importância de se conhecer outros gêneros e promovendo a integração entre os Centros da Rede Cuca e outros Centros Culturais da cidade de Fortaleza.

Deste modo, foram convidados os alunos de dança do Cuca Mondubim para a vivência em Sapateado, com o professor Heber Stalin; os alunos do curso de Dança de Salão e do Teatro Musical do Cuca Barra participaram da aula de Ballet Clássico, com a professora Neiliane Felipe; os jovens do curso de Canto

e Prática Vocal do Cuca Barra fizeram a aula de Jazz, com o professor Nilton César; os bailarinos do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) participaram da vivência em Dança Contemporânea e Moderna, com o professor Wanderson de Souza.

Após as vivências, os alunos fizeram uma roda de conversa com os professores para conhecer as suas trajetórias profissionais no mundo da dança, saber um pouco mais sobre os estilos de danças praticados e como elas se relacionam com outros estilos. As discussões sobre a dança perpassaram ainda outras dimensões da vida, como a relação com a família e com os amigos, como preparar o corpo, como pensar a dança, como a dança é vista como trabalho e profissão e quais as perspectivas de mercado.



13 de maio

Vivência em Sapatado, professor Heber Stalin

Origens e características do Sapatado

O Sapatado é um estilo de dança que é caracterizado por produzir sons sincopados e ritmados com os pés. A prática do Sapatado exige um calçado adequado, o sapato tem que ter uma base de metal no solado, o que dá peso e ajuda no som e marcação dos passos.

O Sapatado não pode ser praticado em um espaço que não tenha piso de madeira, “porque a gente trabalha muito com a lombar, e no Sapatado você tem que fazer força, e se eu faço essa força em cima de um piso de cimento, eu posso prejudicar seriamente minha coluna”, explica o professor Heber Stalin. Então, o Sapatado também exige que se tenha um piso de madeira para que se possa tirar o som adequado e não sacrificar o corpo.

Chama-se de “sapatados” as formas de Sapatado, de dança e som com os pés, que os grupos de cultura popular da nossa cultura brasileira usam bastante. “O grupo cabaçal dos Irmãos Aniceto, por exemplo, eles sapatam muito, a noite inteira”, exemplifica Heber. Os europeus e os americanos aplicaram

“NADA ME ENCANTA MAIS DO QUE VER UMA PESSOA SAPATEANDO, PORQUE É A POSSIBILIDADE DE FAZER MÚSICA COM OS PÉS. ISSO, PARA MIM, É DIVINO, É PRIMOROSO”

Heber Stalin

as formas de sapateios usadas inicialmente por africanos escravizados, inventaram as regras para o estilo e se tornaram conhecidos como os inventores do Sapateado. Mas é importante não esquecer que o Sapateado é uma dança de origens populares e africanas.

Uma vida no Sapateado

O professor Heber Stalin contou um pouco sobre a sua trajetória profissional na dança para os jovens participantes da vivência.

“Eu era um jovem do interior de Cratêus que veio para Fortaleza porque eu queria fazer Teatro. Fui fazer o curso Princípios Básicos no Teatro, no Theatro José de Alencar (TJA), um curso de 2 anos e meio que existe até hoje. Mas logo eu conheci e me encantei pelo Sapateado. Fiz algumas aulas em academia, mas abandonei por um tempo. Então, quando eu tinha 17 anos de idade eu conheci um curso chamado Escola de Dança do Ceará, na época eu não podia fazer por conta da minha idade e eu ainda não tinha muita experiência em dança” (Heber Stalin).

O contanto com o Sapateado veio por acaso, mas veio para ficar na vida de Heber Stalin.

“Certo dia, eu conheci uma pessoa na cantina do TJA, chamada Flávio Sampaio, que é uma das grandes referências dentro do cenário de dança em Fortaleza, no Brasil e no mundo. Ele conseguiu desenvolver um método específico de Ballet, conhecido nacionalmente. E me chamou para fazer Ballet com ele. Dois anos e meio depois chegou na cidade uma coreógrafa chamada

Valéria Pinheiro, que foi a pessoa que revolucionou o Sapateado no mundo. Ela foi a primeira pessoa que fez dialogar o Sapateado americano com o Sapateado brasileiro. Ela montou no Ceará a Cia de dança VATÁ. Ela pegou o samba, o maracatu, o baião e começou a estudar essas raízes de músicas nordestinas dentro do Sapateado americano. E a partir dessa experiência com a Valéria Pinheiro eu fiquei absolutamente encantado pela técnica do Sapateado” (Heber Stalin).

“Trabalhei na Cia VATÁ durante 12 anos, trabalhando com a Valéria Pinheiro, ainda hoje eu faço alguns trabalhos como bailarino convidado. Hoje, eu tenho a minha própria Cia de Sapateado, chamada Cia dos Pés Grandes, na qual eu trabalho não somente com a perspectiva de dança do Sapateado brasileiro, eu trabalho muito com o Funk, com o Jazz, com o Bebop, com o Hip Hop” (Heber Stalin).

Os lugares do Sapateado

O professor Heber tocou em uma discussão importante que é a questão do Sapateado ser ou não uma arte democrática, ser elitista ou popular.

“O Sapateado não é uma arte muito democrática, ela exige muito da gente, eu não posso calçar meu sapato e sapatear em qualquer lugar, porque eu posso escorregar, posso machucar minha coluna. Tem que ter uma estrutura mínima de madeira. Este lugar do sapateado de não tão fácil acesso muitas vezes se torna um problema para nós, profissionais do Sapateado, que queremos popularizar o sapateado. Não é a toa que vocês veem tão pouco Sapateado” (Heber Stalin)

“EU ACHO
FASCINANTE A
POSSIBILIDADE DE
SE FAZER MÚSICA
COM OS PÉS”
Heber Stalin

“UMA ARTE NÃO
DEMOCRÁTICA”
Heber Stalin

VAMOS ACABAR COM A HISTÓRIA DE QUE BALLET É PARA MENINA E HIP HOP É PARA MENINO

Heber Stalin

Apesar de ser um pouco elitista por exigir uma estrutura mínima para se dançar, o que faz com que haja limitações ao seu acesso e circulação, por outro lado, o Sapateado também tem algo extremamente democrático. Parece contraditório, mas Heber também defende que “o Sapateado é uma dança que afeta todo mundo, até quem está de fora vendo vai se levantar em algum momento e vai fazer os passos. É uma dança que recebe e abraça todo mundo. Na primeira aula de Sapateado você já sai fazendo alguma coisa”.

O jovem William, aluno de dança do Cuca Mondubim, questionou Heber se o Sapateado tem alguma relação com o estilo de dança House Dance. Heber explica que um dançarino de danças de rua, chamado Coreano, falou certa vez que a base das danças de rua tem muito de Sapateado. Entretanto, o professor discorda dessa afirmação: “isso é algo contraditório porque o Sapateado não é uma dança de rua, por todas as questões faladas, por ser uma dança que exige determinada estrutura para se dançar”, explicou Heber Stalin.

Ainda sobre os lugares do Sapateado, existe uma discussão de gênero muito latente que está presente em todos os estilos de dança, e com o Sapateado não é diferente.

“O Hip Hop, o Sapateado, a Dança Clássica, a Dança Moderna, e nós que ocupamos esses espaços, como professores e enquanto alunos, somos formadores de opinião. E como pessoas da arte, nós temos a obrigação de propagar a igualdade nesses espaços e para o mundo. Então, nesses espaços que a gente pratica dança, nós temos que legitimar como um local de igualdade entre as pessoas, entre as meninas e

os meninos, entre os negros e os brancos, entre os gays, os heterossexuais e as lésbicas” (Heber Stalin).

Aos jovens cabe este papel de quebrar paradigmas, preconceitos, bullying. Não é possível pensar numa forma de dançar, em que as pessoas não possam dançar juntas, defende Heber. Assim, o Sapateado e as outras danças devem ser lugares de igualdade, liberdade de expressão e respeito às diferenças.

A dança, a família e a profissão bailarino

O professor de Danças Urbanas do Cuca, Luís Alexandre, que esteve presente acompanhando a prática, perguntou sobre a relação do professor Heber com a família e os amigos, como eles o veem como artista.

“Eu venho de uma família muito pobre, do interior. E a minha família sempre teve muito medo do que seria do meu futuro se eu resolvesse mesmo ser artista. Mas eu também entendi uma coisa muito cedo, que onde eu estiver, seja trabalhando como assistente social, como professor, como garçom, seja com o que for, a dança vai estar em mim. Seja com o que eu estiver trabalhando, eu vou ter um projeto transversalizado que envolva dança” (Heber Stalin).

Para Heber, além do medo da família em não ver a dança como uma profissão que poderia gerar dinheiro o suficiente para garantir o futuro, o próprio sistema social capitalista em que vivemos não é favorável ao artista viver de sua arte.

“A gente vive sob uma lógica de um sistema opressor, que é

“É COMPLICADO SER
POBRE E QUERER SER
ARTISTA”

Heber Stalin

“CHEGA UM TEMPO QUE VOCÊ TEM QUE SER COERENTE COM SUA HISTÓRIA DE VIDA, E EU RESOLVI NÃO DESISTIR DE DANÇAR. O MEU SUJEITO É O BAILARINO, MAS EU TENHO OUTRAS PROFISSÕES

Heber Stalin

o sistema capitalista, no qual uns tem dinheiro e outros não têm, e os que têm dinheiro dizem o quê que os que não têm devem fazer. É um sistema que não serve para nós, pobres, filhos de operários. E eu vivi esta realidade a vida inteira, de ser pobre e querer ser artista. Mas a minha mãe é uma mulher muito sábia, ela sempre me disse para seguir o que eu queria, porém que também fizesse uma faculdade para fazer outras coisas. Hoje, eu trabalho a semana inteira em outras coisas e no final de semana eu dedico à minha Companhia, pois é o tempo que eu tenho. Chega um tempo que você tem que ser coerente com sua história de vida, e eu resolvi não desistir de dançar. O meu sujeito é o bailarino, mas eu tenho outras profissões, sou pedagogo e assistente social” (Heber Stalin).

O Mercado da dança

O professor reforçou ainda a importância de se conhecer os diversos estilos de dança. O bailarino vive no mercado de dança que é super exigente, nas audições se exige, por exemplo, que um bailarino dance Hip Hop e sapateie, ou que dance Hip Hop e suba em tecido. Então “se você consegue absolver, jogar no teu corpo informações a mais, isso vai ser importantíssimo para tua vida, inclusive para fazer dinheiro com dança para sobreviver”, aconselha Heber. Outro exemplo citado pelo professor é o Cirque Du Soleil, que exige que o profissional tenha formação em Ballet Clássico, Dança Contemporânea, Jazz, Sapateado, Malabares, Mágica, Palhaço, entre outros. “O mundo de hoje exige que a gente seja diferente o tempo inteiro, e esse diferente às vezes está na aquisição de um algo a mais, principalmente nós, profissionais da arte. Somos poucos que fazemos isso, principalmente nós aqui do Ceará”. Então, “nós não podemos perder a dimensão mercadológica da arte”, completa Heber Stalin.

“NÓS NÃO PODEMOS PERDER A DIMENSÃO MERCADOLÓGICA DA ARTE

Heber Stalin

Heber Stalin

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Cursa Serviço Social, na Faculdade Cearense, e Extensão em Dança e Pensamento, na Universidade Federal do Ceará. Bailarino coreógrafo formado pelo curso profissionalizante Técnico em Dança, via SENAC, SECULT e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Professor de Dança e Intérprete-criador, aluno com matrícula institucional no CAD (Curso de Arte Dramática da UFC). Sua formação em sapateado deu-se primeiro com Valéria Pinheiro, depois passou a desenvolver um estilo de sapateado centrado nas síncopes musicais, na compreensão rítmica e na improvisação dentro da música brasileira. Atuou na Cia VATÁ como bailarino e professor de sapateado durante nove anos, participou e coreografou diversos espetáculos, entre eles nos grupos Bagaceira, Cia do Barulho, Cia Dois de Arte-Educação, Cia, entre outras. Fundou em 2007 e é o atual diretor e coreógrafo da Cia. dos Pés Grandes, única Cia. brasileira de Sapateado e Dança Contemporânea formada exclusivamente por rapazes





13 de maio

Vivência em Dança Contemporânea, professor Wanderson de Souza

Formação profissional

Wanderson de Souza possui formação em Dança Clássica e Contemporânea, desde os 15 anos de idade. É natural de Paracuru, onde faz parte da Cia de Dança de Paracuru, como bailarino, coreógrafo e coordenador. Atualmente, a Companhia está com oito bailarinos, seis homens e duas meninas.

O método de Dança Clássica usada é o Vaganova, o mesmo usado pela famosa Escola Bolshoi, tanto na Rússia como no Brasil. Flávio Sampaio, que foi o seu professor, trouxe esse método para a Cia de Paracuru. A metodologia de Dança Contemporânea é a mesma usada pelo professor e coreógrafoIVALDO MENDONÇA, ex bailarino da Cia Débora Colker, e coreógrafo de sua própria Cia de Dança Contemporânea, em Recife.

O resultado dessas mesclas, entre o clássico, o moderno e o contemporâneo, na formação de Wanderson, abrange ainda os usos de muitas referências da cultura brasileira, como o frevo, a dança de salão e a capoeira. Assim, com um estilo

“ ÀS VEZES, A GENTE É BOM, MAS NÃO TEM O CERTIFICADO E ASSIM AS PORTAS NÃO SE ABREM PARA A GENTE ”

Wanderson de Souza

A DANÇA TEM QUE
SER FEITA SEGUNDO
O NOSSO CORPO
Wanderson de Souza

próprio de dançar e dar aula de dança, Wanderson de Souza fez sua carreira exclusivamente na dança, vive da dança, trabalha somente com dança. Apesar disso, também tem formação em Turismo e Meio Ambiente, especialização em Dança e Educação e atualmente está cursando Educação Física e, este ano, diz que vai tentar o Enem para o curso de dança na UFC.

Em relação à formação, Wanderson mostrou que é uma necessidade de mercado: “às vezes, a gente é bom, mas não tem o certificado e assim as portas não se abrem para a gente, as pessoas não acreditam na gente. Temos que juntar o útil ao agradável. Tem a formação que é um eixo, que fornece a base com os livros, com os autores, e temos que usar a prática no nosso cotidiano e no nosso corpo”, afirma Wanderson. Para quem se interessa por dança, o recomendável, segundo Wanderson, é ter uma formação na área de humanas ou na área da saúde, como fisioterapia, educação física, educação, enfim, algo que possa ser conciliado com o trabalho na dança.

Consciência Corporal e respeito ao corpo

Um grande diferencial e uma das coisas mais importantes para o bailarino é ter consciência corporal, afirmou o professor Wanderson.

Segundo ele, “a dança tem que ser feita segundo o nosso corpo, e não em cima de figuras e poses como a gente é acostumado a ver, principalmente no Ballet Clássico”. Isso é essencial, sobretudo, para evitar lesões e desgaste nas articulações e músculos do corpo.



“EU DEIXAVA DE
JOGAR FUTEBOL
PARA IR DANÇAR,
MEUS AMIGOS NÃO
COMPREENDIAM
ISSO”

Wanderson de Souza

Na Cia de Dança de Paracuru, exemplifica o professor, há um índice muito baixo de lesões, quase zero, porque eles trabalham em cima da consciência corporal. Desse modo, é preciso saber toda a anatomia do corpo, das articulações e músculos desde o pé até a ponta da cabeça, para ter consciência de quais movimentos podem afetar e ocasionar lesões no corpo do bailarino ou da bailarina.

Preconceitos no mundo da dança

Outra questão abordada foi o desrespeito e preconceito com os profissionais de dança.

“Infelizmente, a gente ainda tem um preconceito muito grande em nossa cultura. Mas a gente está superando aos poucos. Nós já podemos ver várias pessoas que trabalham com dança e vivem com dança. E vivem muito bem com dança, não só sobrevivem. Cabe a cada um buscar o seu mercado de trabalho. Nisso, a formação acadêmica tem bastante importância. O Ceará já possui formação e cursos de dança bons. Nós temos que ser bons no campo teórico e no campo prático” (Wanderson de Souza).

O jovem Ari, aluno de dança do Cuca, questionou sobre a aceitação da família quando o professor descobriu-se bailarino de Dança Clássica. Wanderson responde que teve uma boa aceitação por parte da família, o problema maior foi com os amigos.

“Para mim, em casa foi super fácil. Eu tive problema foi fora de casa. Naquela época, eu só queria saber de jogar bola em Paracuru. Então, quando a Companhia começou, foi através

do forró, e eu comecei a fazer as aulas que eram aos sábados e domingos. Eu deixava de jogar futebol para ir dançar, meus amigos não compreendiam isso. Mas nessa época não passava pela minha cabeça me tornar bailarino. Quando conhecemos o Flávio Sampaio foi que tivemos contato com outros estilos. Então, com os amigos foi bem mais difícil. Quando eu comecei a fazer o Ballet Clássico ouvia muita piada na escola, mas eu não deixei isso me atingir. Eu sempre soube o que eu queria” (Wanderson de Souza).

O método de dança

O jovem William, aluno de dança do Cuca Mondubim, perguntou ao professor Wanderson como ele descobriu o método de dança por ele utilizado. O professor respondeu que o conhecimento veio através do coreógrafo Ivaldo Mendonça, que há dez anos foi convidado para fazer um trabalho com a Cia de Dança de Paracuru e o resultado foi surpreendente. Nesse contato, os bailarinos e coreógrafos de Paracuru começaram a investir e absorver o que o Ivaldo tinha de diferente que eles conseguiam se identificar. Foi um processo que durou cinco anos, com o Ivaldo Mendonça montando trabalho com a Cia de Paracuru, explica Wanderson.

Hoje, Wanderson se tornou co-produtor deste método junto com o Ivaldo Mendonça. O primeiro desenvolve a metodologia no Ceará e o segundo em Recife. Uma vez por ano, há um encontro entre os dois para dialogar sobre esta metodologia, que é o mesmo estilo/método/técnica utilizado na Cia Débora Colker. “É um método ainda em construção”, explica Wanderson.

“A ARTE TEM
ESSE PODER DE
TRANSFORMAR A
GENTE PARA O LADO
BOM. EU ACREDITO
MUITO NO PODER DA
ARTE E DA CULTURA”

Wanderson de Souza

A formação de público

Uma curiosidade do professor de dança Luís Alexandre foi saber como é a recepção do público hoje, uma vez que a Cia de Paracuru e o Wanderson são reconhecidos nacionalmente pelos seus trabalhos.

“Lá em Paracuru, nas primeiras apresentações da Cia, por volta de de 2001, eram contadas nos dedos as pessoas que iram nos assistir. Hoje, uma apresentação em Paracuru, ao ar livre, pois lá não tem teatro, chega a ter duas mil pessoas para nos assistir. E eu digo por experiência própria que não tem lugar nenhum no Ceará com um público de dança como o nosso. E nós construímos isso durante 13 anos de trabalho. E hoje minha família, que sempre me apoiou, e meus amigos, que não me apoiavam, me respeitam”. (Wanderson de Souza)

Hoje, Paracuru é uma cidade que consome e assiste dança, é referência para a dança por conta dos bailarinos e coreógrafos da Cia, é um lugar que acredita no poder transformador da dança.

“Em Paracuru, já tem a escola com 120 alunos, que funciona de 8h às 18h, de segunda a sexta, e os alunos têm que passar oito anos para se formar, e ainda tem os estágios. Então, nós somos muito respeitados em Paracuru. Até hoje nós perguntamos ao Flávio o que foi que ele viu na gente. Porque ele podia pegar pessoas nas capitais, mas ele preferiu investir o projeto dele em pessoas que nunca tinham feito nada de dança. Nós nunca tínhamos visto Ballet Clássico na vida. Ele acreditou na gente e construiu com a gente esse sonho” (Wanderson de Souza).

É necessário pensar a dança

Nas discussões, o professor apontou ainda que o bailarino que se diferencia dos demais é aquele que pensa a dança, que tem consciência do seu corpo, do espaço que ele ocupa no palco, que sobrepõe o pensar sobre a técnica da dança.

Além disso, é necessário ter um bom ouvido, saber escutar a música. “O poder auditivo da gente vai dizer se você é bom, se é regular ou se não é bom”, afirma Wanderson.

Wanderson de Souza

Pós-Graduado em Dança e Educação na Faculdade Católica do Ceará (Marista). Graduado em Turismo e Meio-Ambiente – Universidade Regional do Cariri (URCA). Cursa Educação Física – Faculdade Terra Nordeste (FATENE). Bailarino desde 2000, Wanderson atualmente é Coordenador Pedagógico, bailarino e professor de Dança Contemporânea e Ballet Clássico da Escola de Dança de Paracuru, Diretor Artístico e Coordenador da Escola de Dança de Paraipaba e São Gonçalo do Amarante, Professor do Curso de Formação em Dança na Vila das Artes. Vencedor de diversos prêmios em dança nacionais e internacionais, como Outras Danças Brasil (Chile e Uruguai-2011), Prêmio Klaus Vianna de Dança (2009), Prêmio Funarte / Petrobrás de Circulação (2007), Prêmio Klaus Vianna de Dança (2006), entre outros

“NÓS NUNCA
TÍNHAMOS VISTO
BALLET CLÁSSICO
NA VIDA. ELE
[FLÁVIO SAMPAIO]
ACREDITOU NA
GENTE E CONSTRUIU
COM A GENTE ESSE
SONHO”
Wanderson de Souza



“A GRANDE
DIFICULDADE DOS
BAILARINOS HOJE
EM DIA É O PENSAR.
PENSAR A DANÇA
PARA ALÉM DA
TÉCNICA, PENSAR O
SEU PRÓPRIO CORPO”
Wanderson de Souza



14 de maio

Vivência em Ballet Clássico, professora Neiliane Felipe

Elementos e características do Ballet Clássico

Após a vivência em Ballet Clássico, a professora Neiliane iniciou a conversa com uma breve apresentação das principais características e elementos usados na Dança Clássica.

A posição dos bailarinos deve ser intercalada e frontal, para que seja possível a visualização de todos no palco. Entre os principais elementos da indumentária, estão a sapatilha meia ponta, feita de tecido para o pé ter mobilidade; a sapatilha aranha, que protege só a parte do metatarso para os giros e piruetas, mas ela é mais usada no Jazz; e tem a encantadora sapatilha de ponta, que tem uma estrutura enrijecida de gesso. Outro elemento importante é a pirueteira, um pedaço de madeira usado para a bailarina treinar os giros.

O Ballet Clássico tem um processo de disciplinarização do corpo muito rígido, complementou o professor de Dança de Salão do Cuca, Aurélio Lobo.

“É quase um regime militar, onde você vai fazer ações quase que antianatômicas, porque esse underwear, essa perna

“EU ACREDITO MUITO QUE TODAS AS DANÇAS QUE TRABALHAM COM ESTE INSTRUMENTO, CORPO, TEM QUE ESTUDÁ-LO

Neiliane Felipe

virada para fora não é uma posição confortável, e isso vem de forma muito invasiva para o corpo. Mas a partir de um artista chamado Klauss Vianna, ele muda essa abordagem da Dança Clássica, preservando a curvatura natural do corpo humano, porque antigamente eles queriam modificar o corpo da bailarina para que ela ficasse tão longilínea que ela perdesse as curvaturas naturais, o que fazia com que ela se aposentasse aos 25 anos de idade, com sérios problemas físicos. Então, essa transformação do Ballet é recente, pois é uma dança que existe desde o século XIV e somente a partir do Klauss Vianna (no século passado) ele tem mudado” (Aurélio Lobo, professor de dança do Cuca).

Essa questão, na visão dos professores Neiliane e Aurélio, se dá por conta do virtuosismo que existe no Ballet Clássico, que é lindo de se ver, mas que pode prejudicar fisicamente e anatomicamente o corpo dos bailarinos e bailarinas.

“Eu acredito muito que todas as danças que trabalham com este instrumento, corpo, tem que estudá-lo. O Klauss Vianna e a Angel Vianna, sua esposa, descobriram muito sobre o corpo e as tensões que os movimentos da dança possam provocar nele”. (Neiliane Felipe)

Desmistificando a dança clássica

O Ballet tem duas vertentes no imaginário comum popular, a primeira que é “coisa de menina”, e a segunda que é algo para a elite. Essas questões também foram discutidas pelos participantes do debate.

“Antigamente, na época do Ballet de Corte, só era considerado nobre quem dançava. Então, isso foi muito imposto para a sociedade. De lá para cá, isso ainda vem sendo muito forte e presente na sociedade. Além disso, o Ballet veio sendo pensado como sendo a base para todas as outras danças e de muitas artes. E muitos profissionais têm mostrado que isso não é verdade, que são grandes bailarinos e campeões e nunca fizeram Clássico. Então, o Ballet é um meio de se dançar, e não o meio, é um dos. Outro exemplo é a corporeidade do Hip Hop, que é riquíssima e não precisa necessariamente fazer Ballet Clássico para fazer aquilo. E o que há de comum entre o Clássico e as outras danças? É que eles trabalham com o desenvolvimento motor do corpo com uma perspectiva artística” (Aurélio Lobo, professor de dança do Cuca).

Formação e Trajetória profissional

Anderson, aluno de danças urbanas do Cuca, perguntou sobre o processo de formação da professora Neiliane Felipe. A bailarina e professora contou que fez aulas de Ballet Clássico durante 10 anos na Escola de Dança Edisca, que é um projeto social. Como bailarina na Escola, dançou os estilos de dança Moderna e Contemporânea, o Clássico foi apenas um suporte técnico para essas outras modalidades de dança.

Aos nove anos, Neiliane fez o teste para entrar na Escola, passou na segunda tentativa. Na Edisca, teve aulas de alongamento e preparação para o corpo, danças criativas, jogos corporais. Depois, começou a fazer aula de Ballet Clássico com o professor Ernesto Gadelha. Permaneceu na Edisca por cerca de dez anos.

“É PRECISO QUEBRAR COM ESSE PENSAMENTO QUE IMPERA DE QUE O BALLET SE SOBREPÕE A TODAS AS OUTRAS DANÇAS. NÃO, ISSO FOI UM PENSAMENTO DE MUITO TEMPO ATRÁS

Aurélio Lobo



Após sair da Edisca, Neiliane continuou seu processo de formação na primeira turma do Curso Técnico em Dança, via SENAC, SECULT e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Este curso é voltado para o intérprete criador, aquele bailarino que não quer só dançar, ele quer pensar a sua dança. O curso possuía boa parte da sua grande curricular em Clássico, mas abrangia também análise crítica em dança, história da arte, condicionamento físico, anatomia, composição coreográfica, as especificidades de cada modalidade de dança, entre outros. Em paralelo ao curso técnico, a professora iniciou vários cursos em dança de salão.

Atualmente, é integrante e fundadora do grupo coletivo Poros – Produção e Pesquisa em arte, juntamente com o professor Aurélio Lobo e outros bailarinos. O coletivo tem como objetivo discutir a dança de salão a partir de uma perspectiva mais artística. A produção em dança de salão é tida como mais voltada para entreter o público, com o figurino, com os passos que mais agradam. Pensando nisso, o coletivo busca “pensar a dança de salão como um trabalho artístico, que tem que levantar uma discussão, tem que ter uma questão perante a vida e a sociedade”, defende Neiliane. Desse modo, o Poros foi fundado para questionar os paradigmas presentes na dança de salão, como a condução ser sempre masculina e a competição que existe no salão.

Arte democrática ou não democrática

O Ballet, tradicionalmente, foi uma arte muito elitista. Antigamente, no século XIV, para ser nobre era preciso saber dançar,

“PENSAR A DANÇA DE SALÃO COMO UM TRABALHO ARTÍSTICO, QUE TEM QUE LEVANTAR UMA DISCUSSÃO, TEM QUE TER UMA QUESTÃO PERANTE A VIDA E A SOCIEDADE”

Neiliane Felipe

“EU, POR EXEMPLO, NÃO PAGUEI NEM UM REAL PELA MINHA FORMAÇÃO. [...] OS MENINOS TÊM UMA DIFICULDADE ENORME, ALGUNS ATÉ QUEREM E SOFREM UM PRECONCEITO ENORME”

Neiliane Felipe

então a arte era um privilégio para os ricos e membros da elite. Atualmente, embora ainda se precise de uma estrutura mínima para se dançar Clássico, como piso de madeira, espelho, barra, existem muitos equipamentos, como o Cuca, e projetos sociais, como o Edisca, que proporcionam o acesso gratuitamente para pessoas carentes, apontou Neiliane.

Isso não quer dizer que ela seja uma dança democrática, mas há um processo de ampliação do acesso, sobretudo por meio de políticas públicas e projetos de lei para o ensino da dança e da arte nas escolas públicas.

“Eu, por exemplo, não paguei nem um real pela minha formação. Com exceção dos cursos que fiz de dança de salão. Nesse sim, que aparentemente parece democrática, eu tive que pagar muitos cursos”, afirma Neiliane. Já o Ballet Clássico consegue atingir e trair mais pessoas por conta de todo o glamour que o envolve, talvez por isso ele possivelmente seja mais democrático do que as danças de salão, por exemplo, defende a professora.

Existe ainda um paradigma muito forte que é a visão do Ballet como uma dança essencialmente feminina, para meninas. “Os meninos têm uma dificuldade enorme, alguns até querem e sofrem um preconceito enorme. E outros nem experimentam por conta dessa construção”, acredita Neiliane.

O professor Aurélio concorda que a dança de salão é uma dança muito elitista. Segundo ele, “o discurso ideológico opera e oprime quem não está dentro dessa ideologia, que nós sabemos que isso existe muito bem em nossa socie-

dade. A mulher, por exemplo, é muito oprimida ainda nos dias de hoje, sobretudo no Nordeste; o homem que quer dançar também é muito oprimido”. De acordo com Aurélio, com a dança de salão não é diferente. “O baile tem um conjunto de regras, tem que girar no salão no sentido anti-horário, tem que dançar homem com mulher, dançar conforme a música, tem indumentária apropriada. Quem não está dentro desses padrões acaba cometendo gafe, que não está de acordo com a ideologia do salão”, complementa o professor.

Existe ainda a opressão sob a própria condição do bailarino em assumir-se como um profissional de dança. O professor Aurélio falou sobre isso lembrando que antigamente tinha vergonha de falar que sua profissão era professor de dança, porque há uma ideologia na sociedade que não reconhece e valoriza a dança como uma profissão.

O professor conta ainda que com a própria família teve uma resistência muito forte em aceitar essa profissão. “Com dez anos que eu trabalhava com dança foi que meu pai foi me ver dançar, foi quando ele viu que eu podia ter a dança como profissão porque eu fazia com excelência. E eles começaram a perceber quando começamos a viajar, sobretudo para o exterior, pagando e suprimindo as próprias necessidades”. “Hoje, nossa família lota nossas apresentações”, complementa Neiliane.

Pensar a dança e o movimento

O jovem Anderson, dançarino de Hip Hop, falou que essa foi a dança com que mais se identificou e com a qual pretende se especializar e se profissionalizar. Com esse interesse pretende

“NOSSOS PRÓPRIOS TABUS ESTÃO DO LADO DA GENTE. NÓS TEMOS QUE QUEBRAR ESSES TABUS DENTRO DE CASA, FORA DE CASA E EM NÓS MESMOS”

Aurélio Lobo

EU ACHO QUE A GENTE TEM QUE APRENDER ESSAS QUESTÕES QUE ESTÃO ATRÁS DA TÉCNICA, QUE É A QUALIDADE DOS MOVIMENTOS

Neiliane Felipe

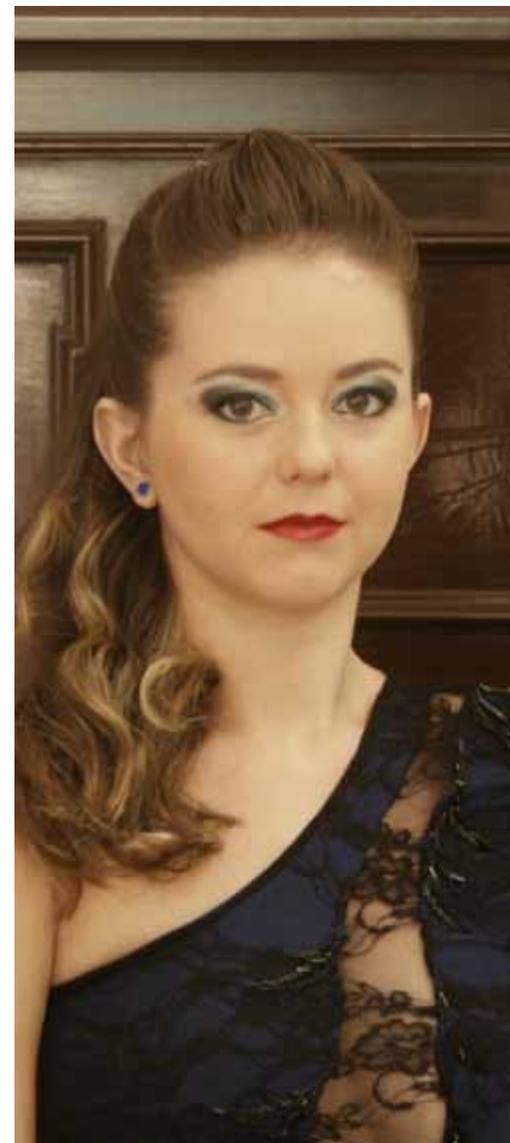
ainda agregar referências de outras danças para aperfeiçoar e criar sua própria arte. Nesse sentido, perguntou como o Ballet Clássico pode ajudá-lo a desenvolver especificamente a dança do Hip Hop. A professora Neiliane partiu do pesquisador Rudolf Laban para responder ao aluno:

“Tem um cara chamado Rudolf Laban, alemão, que estudava o corpo na dança. Ele retirava a técnica e estudava o movimento. Se é um movimento leve, rívido, pontuado, qual o peso, o tempo, a qualidade do movimento. Eu acho que a gente tem que aprender essas questões que estão atrás da técnica, que é a qualidade dos movimentos. O Ballet Clássico, por exemplo, ele diz que o peso do corpo tem que estar nos pés. Já o Hip Hop pega esse peso e joga para a cabeça. Então ele inverte essa história. Então, eu acho que o mais importante é isso, mais do que a técnica da Dança Clássica ou da Dança de Salão é o estudo do movimento, como o corpo ocupa o espaço”, explica Neiliane Felipe.

“O Laban passou a estudar o corpo em movimento, porque os médicos estudaram a anatomia do corpo morto, sem mobilidade. E o Laban passou a estudar as qualidades vivas do corpo, e a disposição desse corpo no espaço. O Hip Hop trabalha de uma maneira muito interessante com isso, porque ele expõe essa genialidade do corpo, de fazer um apoio com a palma da mão no chão, um giro com a cabeça, coisas fantásticas que fazem você questionar as possibilidades do corpo”, complementa Aurélio Lobo.

Neiliane Felipe

Formada no Curso Técnico em Dança, via SENAC, SECULT e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Bailarina da Edisca (Escola de Dança Integração Social para crianças e adolescentes), durante 11 anos. Bailarina; coreógrafa; pesquisadora; performer; professora de dança: baby class, balé clássico, jazz, dança tradicional popular, dança contemporânea, condicionamento físico e dança de salão. Diretora e fundadora do Coletivo Poros - Pesquisas e Produções em Artes.





15 de maio

Vivência em Jazz, professor Nilton César

A História do Jazz

A história do Jazz surge no contexto da escravidão nos Estados Unidos da América. Era uma dança dos escravos, que dançavam soltos e livremente. Era uma dança contagiante, por isso começou a chamar a atenção dos brancos, conta Nilton.

Os brancos passaram a se reunir e começaram a imitar os negros dançando. Além de usar os ritmos e movimentos, os brancos pintavam o rosto de cortiça. A dança foi retirada da cultura dos negros e inserida na cultura dos brancos. Mas é importante lembrar que é uma dança de raízes africanas

Assim, a dança foi sendo desenvolvida e difundida. Em meados dos anos 1950, o Jazz começou a ir para a televisão, principalmente na forma de Swing. A partir de então foram aparecendo os coreógrafos, os bailarinos, e o Jazz foi sendo profissionalizado e difundido pelo mundo.

A Formação como bailarino

O aluno Anderson perguntou como foi o passo a passo da trajetória de Nilton para se tornar um bailarino.

“Eu comecei por volta dos 17 anos. E eu tive muita sorte de estar nos lugares certos, com as pessoas certas e nas horas certas. Eu já comecei a aprender Jazz com professores muito bons que me deram toda a base que eu tenho para hoje dar minhas aulas do jeito que eu dou. A priori eu não tinha pretensão de ser professor. E eu comecei a dar aula por acaso em uma escola no interior, para substituir um professor que faltou. E foi aí que eu comecei a perceber que levava jeito para ser professor. E em toda a minha vida eu tenho dado mais aulas do que dançado. E entre dançar e dar aula, eu prefiro dar aula. Sobre a minha formação, fiz desde danças folclóricas até o contemporâneo. A cada ano eu procurava uma coisa diferente. A dança mais difícil para mim foi o sapateado, no entanto, com três meses de aula eu fui campeão nacional” (Nilton César).

A formação de Nilton não ficou restrita ao Jazz, apesar de ele ter escolhido esta dança para se especializar.

“Eu escolhi a modalidade de dança que eu mais me identificava, que é o Jazz. Mas nem por isso eu deixei de fazer as outras danças, eu fiz Contemporâneo, Ballet Clássico, Sapateado. Faz quinze anos que eu dou aula, eu já passei por várias academias aqui de Fortaleza, viajo muito para dar workshops em outras cidades” (Nilton César).

A escolha por conhecer os outros estilos de dança também veio do desejo de criar uma identidade para o seu modo de dançar, da possibilidade de “criar um Jazz mais híbrido”, afirma Nilton. “Assim, eu percebi que eu podia dançar salsa dentro do meu Jazz, ou o próprio Hip Hop. Então o Jazz me deu esta possibilidade de dançar tudo que eu aprendi fora. Assim, quem acompanha meu trabalho nota que eu uso de tudo um pouco nas minhas aulas e na minha dança”, diz Nilton.

William pergunta se o Nilton percebeu alguma evolução no cenário do Jazz em Fortaleza nos últimos anos. O professor responde que hoje, com a questão da videodança, do videoclipe presente nas novelas, nos comerciais, na mídia, isso ajudou para todas as vertentes da dança, não só para o Jazz. A procura maior pelo Jazz, que existe hoje, deve-se a essa maior visibilidade que todas as danças têm na mídia atualmente, acredita Nilton.

O jovem Anderson, que dança Hip Hop e pretende se especializar e se profissionalizar nessa dança, fala sobre sua trajetória em particular e queria saber em que especificamente o Jazz pode o ajudar a melhorar sua arte. “Eu acredito que já foi até me respondido pela própria aula, a questão da velocidade, da agilidade, da precisão, mas queria que você me detalhasse mais”, diz Anderson. Nilton complementa que o Jazz pode ajudar ainda “na musicalidade, no ritmo, no swingue”. O professor comenta que percebe que o Hip Hop dançado em Fortaleza é muito seco, ele esquece que tem uma musicalidade, que tem um swingue. E o Jazz pode ajudar nisso, inclusive, existe uma modalidade no Jazz chamado Street Jazz, que é justamente a junção do Jazz com o Hip Hop.

“EU ESCOLHI A MODALIDADE DE DANÇA QUE EU MAIS ME IDENTIFICAVA, QUE É O JAZZ. MAS NEM POR ISSO EU DEIXEI DE FAZER AS OUTRAS DANÇAS”

Nilton César

“CRIAR UM JAZZ MAIS HÍBRIDO. [...] ASSIM, EU PERCEBI QUE EU PODIA DANÇAR SALSA DENTRO DO MEU JAZZ, OU O PRÓPRIO HIP HOP”

Nilton César



Os preconceitos na dança

O jovem William perguntou como foi a aceitação da família quando o Nilton decidiu fazer Jazz, que é uma dança que sofre preconceito tanto quanto o Ballet. O professor Nilton César fez um breve relato sobre o primeiro impacto que sentiu quando decidiu seguir no mundo da dança.

“Quando eu comecei a fazer aulas de dança em academias eu fazia escondido da minha família. Certo dia, a minha irmã, por algum motivo, levou a minha mãe, sem eu saber, para ver uma apresentação minha. Então, quando eu fui me apresentar, isso numa época em que dança não era própria para homem, a primeira pessoa que eu vi foi minha mãe. Para mim, isso foi terrível. E quando terminou, minha mãe foi ao camarim e me falou que eu não precisava ter escondido isso dela, porque com isso ela deixou de me apoiar e até me patrocinar por não saber. Então, isso acabou sendo uma coisa boa. Até porque a dança não interfere em nada na sexualidade” (Nilton César).

Além do preconceito da família, Nilton César também fala que na cena da dança existe um preconceito em não aceitar o Jazz como um estilo de dança. Nilton diz que suas “aulas de Jazz sempre foram lotadas. Mas existe sim um preconceito de algumas pessoas que dizem que Jazz não é dança ou que é uma dança solta. O Jazz não é uma dança solta. O Jazz é livre, o que é diferente, pois para se dançar Jazz precisa-se de técnica, para se dançar solto não”.

“EU ACHO QUE O JAZZ TALVEZ SEJA A ÚNICA VERTENTE DA DANÇA QUE DEIXA VOCÊ SER QUEM VOCÊ É. O JAZZ ACEITA A SUA PERSONALIDADE”

Nilton César

“DESCUBRA SE É ISSO
QUE TE COMPLETA,
SE ISSO TE TORNA
FELIZ. E PARA SER
UM BOM BAILARINO
NÃO ADIANTA SÓ
SABER FAZER, O BOM
BAILARINO É AQUELE
QUE PENSA

Nilton César

O que os iniciantes devem saber

Respondendo à aluna Sara, que pede conselho para os iniciantes que querem ingressar no mundo profissional da dança, seja ela de qual estilo for, o professor Nilton diz que “além de trabalhar e estudar, que são necessidades fundamentais, você tem que deixar a dança te procurar, porque não somos nós que escolhemos a dança, ela que nos escolhe”. Além disso, “transforme o que você faz em prazer, não use a dança como apenas uma forma de ganhar dinheiro”, diz Nilton.

O professor aconselha ainda que os jovens devem procurar não se limitar, pois por um bom tempo ele ficou parado só no Jazz, quando foi procurar os outros estilos o seu corpo já estava acostumado com o Jazz, com os vícios daquele estilo. “Procurem fazer tudo. O artista não é só o que dança, o artista é o que interpreta, é o que canta, é o que toca”, sugere Nilton.

Disciplina é outra coisa imprescindível a quem quer se tornar um bom bailarino. “Você leva dez anos para fazer um plié, mas se você faltar aula um dia só parece que você nunca viu um plié na sua vida, a dança é assim”, diz Nilton César.

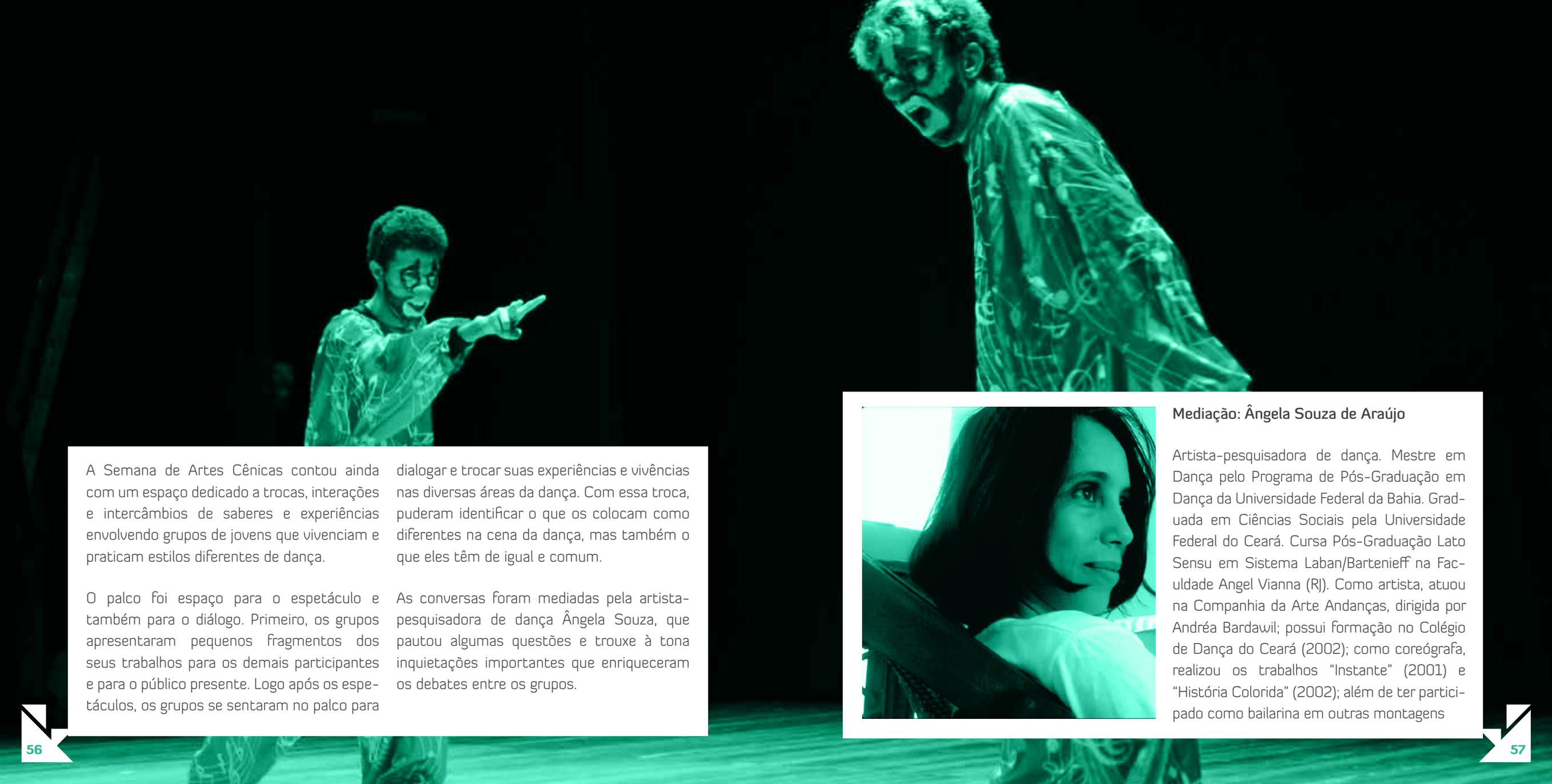
“Trabalhar com dança é muito difícil, colocar o sentimento do bailarino na dança e fazer as pessoas entenderem o que ele quis passar é três vezes mais difícil”, finaliza Nilton. Desse modo, é preciso buscar o conhecimento, a excelência e a sua própria personalidade e identidade na dança para se tornar um bom bailarino e conseguir reconhecimento por isso.



Nilton Cesar

Bailarino, coreógrafo e professor de dança, especialmente Jazz, alongamento e Street Jazz. Iniciou seus estudos em dança em 1988 na cidade de Fortaleza. Estudou vários estilos de dança com grandes profissionais do cenário nacional e internacional. Possui formação em Ballet clássico, Jazz, Ballet Contemporâneo e Sapateado. Trabalhou como professor de dança em várias escolas e projetos sociais, entre eles Ballet Gorete Quintela, Ballet Hugo Bianchi, Cia de Dança Adriel Rocha, Ballet Daniel Lessa, Edisca, Estúdio de Dança E2, entre outros. Além de ministrar workshops em seminários e eventos de arte

INTER
CÂM
BIOS
EM
DANÇA



A Semana de Artes Cênicas contou ainda com um espaço dedicado a trocas, interações e intercâmbios de saberes e experiências envolvendo grupos de jovens que vivenciam e praticam estilos diferentes de dança.

O palco foi espaço para o espetáculo e também para o diálogo. Primeiro, os grupos apresentaram pequenos fragmentos dos seus trabalhos para os demais participantes e para o público presente. Logo após os espetáculos, os grupos se sentaram no palco para

dialogar e trocar suas experiências e vivências nas diversas áreas da dança. Com essa troca, puderam identificar o que os colocam como diferentes na cena da dança, mas também o que eles têm de igual e comum.

As conversas foram mediadas pela artista-pesquisadora de dança Ângela Souza, que pautou algumas questões e trouxe à tona inquietações importantes que enriqueceram os debates entre os grupos.



Mediação: Ângela Souza de Araújo

Artista-pesquisadora de dança. Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Cursa Pós-Graduação Lato Sensu em Sistema Laban/Bartenieff na Faculdade Angel Vianna (RJ). Como artista, atuou na Companhia da Arte Andanças, dirigida por Andréa Bardawil; possui formação no Colégio de Dança do Ceará (2002); como coreógrafa, realizou os trabalhos “Instante” (2001) e “História Colorida” (2002); além de ter participado como bailarina em outras montagens



14 de maio

Intercâmbios em Dança: Mira Ira, Blackout e Erro-K

Na primeira noite, no dia 14 de maio, o “intercâmbios em dança” promoveu o encontro de um grupo de pesquisa e vivência em cultura tradicional e popular, o Mira Ira, com dois grupos de jovens que dançam músicas pop, um deles especificamente os gêneros pop orientais, o Erro-K, e o outro no estilo americano, Blackout.



Grupo Mira Ira

Desde 1982 trabalha em prol da difusão, dinamização da cultura popular brasileira, principalmente no que diz respeito aos usos e costumes do povo cearense. O Mira Ira, coordenado pela professora e pesquisadora Maria de Lourdes Macena, funciona como um laboratório de vivências e tem colocado no palco, na íntegra, os estudos e as pesquisas que vem desenvolvendo com os jovens com o apoio do IFCE. O grupo objetiva favorecer a educação patrimonial de valorização dos usos e costumes da nossa cultura.

Espectáculo "Guerreiro Alagoano": Dança dramática que conta a estória ancestral do encontro de reis, índios e caboclos da cultura de Alagoas.





Grupo Blackout

Grupo formado por 11 jovens, de diversas comunidades da cidade de Fortaleza, com idade entre 10 e 25 anos, fundado em 2010. O Blackout surgiu a partir de dois outros grupos, um de Hip Hop e um de Style Dance, nos quais o líder e coreógrafo do grupo, Jefferson Gadelha, participava com outros integrantes. O grupo se inspira no som e nas coreografias das divas do pop internacionais: Madonna, Lady Gaga, Britney, Beyoncé, entre outras. Entre as características marcantes do Blackout estão a sincronia dos movimentos, a atitude, as “caras e bocas”, os figurinos e as maquiagens.



Grupo Erro-K (Ero Kunoichi)

O Ero Kunoichi, ou Erro-K como é conhecido, é um grupo cover de músicas pop coreanas, criado há quatro anos. Atualmente, o grupo é composto por nove meninas e seis meninos. O grupo já se apresentou em diversos lugares na cidade, como no SANA – Super Mostra Nacional de Animes, que ocorre no Centro de Eventos do Ceará, em programas de TV e no Cuca Barra.



“O QUE NOS MOVE
É O AMOR PELA
DANÇA. E É UM
AMOR QUE NÃO ESTÁ
SÓ EM MIM, MAS
NAS ONZE PESSOAS
QUE FORMAM O
BLACKOUT”

Jefferson, Blackout

O Processo Criativo

A mediadora Ângela Souza iniciou a conversa instigando a troca de experiências no que diz respeito à criação dos grupos, que vivem em constante processo de criação e recriação em seus trabalhos: O que os motiva a criar? Onde vão? Como se relacionam com a criação?

Jefferson, fundador e coreógrafo do grupo Blackout, responde que quando fundou o grupo o intuito foi fazer cover de divas do pop, como Britney e Beyoncé. A ideia de criar um grupo de dança, segundo Jefferson, não surgiu como interesse de ganhar dinheiro, mas pelo simples prazer em dançar, pelo interesse em criar, montar um espetáculo e pelo desejo de estar em cima de um palco. Com o passar do tempo, o Blackout foi se moldando e não se restringindo mais a fazer apenas cover. Então, começaram a criar as próprias coreografias e figurinos para os estilos de músicas que os integrantes do grupo gostavam de ouvir.

“Nós temos horas para alongamento, os ensaios são muito puxados. As coreografias são criadas todas por nós mesmos. Tem duas pessoas que trabalham diretamente comigo na criação das coreografias. Tem o pessoal que fica na parte de divulgação na internet. Tem o pessoal do figurino. O grupo funciona coletivamente. Eu organizo o grupo, porque alguém tem que estar à frente, mas o Blackout só acontece porque tem essas onze pessoas comigo” (Jefferson, Blackout).

A professora e pesquisadora do grupo Mira Ira, Lourdes Macena, mais conhecida como Lourdinha, como representante do grupo falou como se dá o processo de criação e como ele difere da criação dos outros grupos presentes.

“Vocês do grupo Blackout podem ficar mais livres para criar porque podem partir de uma música que gostam. Já os meninos do Mira Ira têm que compor a partir de algumas coisas que eu já dou de mote. E o grupo vem de uma ideia sugerida pela Instituto Federal do Ceará, de propiciar experiências na área da tradição popular, então ele é uma espécie de laboratório. Então, é um espaço de fruição, de experiência, de estudo. (...) No caso do processo de criação, depende exatamente da pesquisa, do que a gente quer revelar naquele momento vivido. No “Guerreiro Alagoano”, que a gente apresentou esta noite, você aprende com eles, estando em Alagoas, mas o recorte que a gente faz pertence ao grupo, porque é um momento que a gente quer, de certa forma, se encantar também, viver aquilo também, então não é um processo de imitação” (Lourdes, Mira Ira).

A professora também observou que no processo de criação dos grupos é possível perceber questões semelhantes, elementos em comum.

“Como vocês disseram (se referindo ao grupo Blackout), vocês gostam da música e querem também dançar aquela música. De certa forma é um encontro. O meu casamento é também como eu quero viver corporalmente aquela música, só que no caso num outro tipo de música, já que eu sou apaixonada pelas danças dramáticas, que é essa que tem parte de interpretação” (Lourdes, Mira Ira).

O Processo de formação em dança

Tatiana Amorim, integrante do coral do grupo Mira Ira, perguntou aos dois outros grupos como é a formação deles em dança, como é a base de trabalho corporal, visto que no Mira Ira metade dos integrantes são atores ou tem outras formações dentro de áreas afins.

No grupo Erro-K, Mayslla explicou que faz Educação Física e outra integrante já é formada na área, elas dividem a responsabilidade pela parte de alongamento. Outra integrante, a Rachel, tem uma sensibilidade para interpretação e assim repassa para as outras. Desse modo, cada uma das nove meninas do grupo tem um saber, que não necessariamente veio de um estudo formal, e compartilham com as demais.

O Blackout também tem uma história parecida com o Erro-K. Jefferson diz que não possui formação em nenhuma área especificamente, procurou formação em dança, mas não encontrou nada que se encaixasse no que ele quer dançar no grupo. O coreógrafo chegou a fazer um ano de Ballet Clássico, para adquirir uma base de preparação corporal. Na parte de alongamentos, Jefferson buscava informação nos tutoriais do Youtube e repassava para o grupo.

O preconceito está em todos os lugares

Quando o assunto é preconceito, é muito evidente a presença de julgamentos e esterótipos no mundo da dança, principalmente no que diz respeito à questão de gênero. Se os meni-



“EU QUERIA DANÇAR
O QUE EU GOSTAVA
E AS PESSOAS
FALAVAM QUE EU
'NÃO PODIA DANÇAR,
EU NÃO PODIA SER A
BEYCONCE'”

Jefferson, Blackout

nos ousarem dançar determinados estilos de dança, isso se torna praticamente um atestado de sexualidade.

“Na época que a gente montou o Blackout, há uns três anos, os meninos não reboavam a bunda, os meninos não podiam levantar a perna, 'bater cabelo'. Então, a gente enfrentava muito preconceito. Eu queria dançar o que eu gostava e as pessoas falavam que eu 'não podia dançar, eu não podia ser a Beyonce'. Eu odiava ouvir tudo isso. A gente até montou um espetáculo chamado 'O preconceito', que falava sobre sexualidade, mas também era sobre a gente” (Jefferson, Blackout).

Entretanto, o preconceito não se restringe a questões de gênero. A cultura popular, que historicamente alternou entre ser marginalizada frente a uma cultura dita erudita ou ser romantizada como os traços autênticos da identidade de um povo, ainda hoje sofre preconceitos por ser uma cultura de origem popular. Sobre essa questão, a professora Lourdes falou como o grupo Mira Ira é cerceado em suas apresentações, impedido muitas vezes de apresentar determinados elementos cênicos em seus espetáculos.

“Quando eu sou chamada para apresentações, eu quero levar a dança dramática, mas os festivais não querem que eu leve. O Brasil é riquíssimo nessas danças, tem uma variedade musical, uma variedade de figurinos, uma variedade de interpretação. Tem muito espaço para criar também. Mas como isso vem sendo tolhido, os festivais de dança não querem, os próprios encontros de cultura popular não querem a parte de dança dramática, pedem para tirar toda a parte de representação teatral” (Lourdes, Mira Ira).

Paulo, músico, professor e integrante do Mira Ira, ressalta que ainda é muito forte o preconceito com a cultura popular.

“Nós da cultura popular sofremos preconceito todo o tempo, na música ou na dança. Todo mundo é clássico, é virtuose. O popular vai sempre sendo deixado de lado. Então é importante esse grupo (Mira Ira) por trazer essa vivência, mostrar esse povo que é tão alegre e tão guerreiro. Mas nós do popular ainda temos essa barreira a vencer. Mostrar que o popular é tão bom quanto o erudito” (Paulo, Mira Ira).

A professora Lourdinha lembrou de uma situação que um dos integrantes do Mira Ira passou, que evidencia bem essa questão do preconceito, que envolve a discriminação com o popular e com o gênero masculino na dança. O integrante, que era um menino, não podia levar para casa o seu figurino do Reisado para lavar, porque era uma saia. Ele sempre repetia “não professora, a sainha do Reisado não, pelo amor de Deus”, conta Lourdes. O problema era que a família não compreendia que a sainha do Reisado era um figurino da cultura popular, o que revela que o preconceito com a dança está embutido em outro tipo de preconceito, que é a questão da aceitação da escolhas de vida das pessoas.

A partir das discussões, a mediadora Ângela Sousa pontuou que a questão do preconceito não está restrita, portanto, a um estilo específico de dança. “Esse preconceito não está só no que faz Ballet Clássico ou no que faz uma dança que 'bate o cabelo', que tem uma feminilidade que talvez não caiba aos homens, segundo se entende, está também na cultura popular, que teoricamente não deveria sofrer deste tipo de preconceito”, conclui Ângela.

“NÓS DA CULTURA
POPULAR SOFREMOS
PRECONCEITO
TODO O TEMPO,
NA MÚSICA OU
NA DANÇA. TODO
MUNDO É CLÁSSICO,
É VIRTUOSE. O
POPULAR VAI
SEMPRE SENDO
DEIXADO DE LADO”

Paulo, Mira Ira



A Coordenadora de Arte e Cultura do Cuca Barra, Nádía Sousa, aproveitando a discussão sobre o preconceito, questionou aos grupos como é a relação com a família diante da escolha que os bailarinos tiveram em relação a seguir no mundo da dança.

Para Mayslla, líder do grupo Erro-K, o problema maior é a família não ver a dança como uma profissão.

“Inicialmente, eu ouvia muito ‘vai procurar um emprego, vai estudar, vai procurar uma profissão’. Mas hoje eu já ganho meu dinheiro com o meu trabalho, sou professora de dança. Procurei formação dentro da área que eu tanto amo, que é a dança. Eu, particularmente, não tive problema com a minha família, mas eu vejo muito isso com outras meninas do meu grupo” (Mayslla, Erro-K).

O mundo do trabalho

Nádía Sousa questionou os grupos sobre como é a relação da dança com o mundo do trabalho, o que também é alvo de preconceito pelas pessoas pelo fato de a dança não ser comumente vista e respeitada como uma profissão.

Isabelle, do grupo Erro-K, contou sua experiência com a dança e a postura da família em relação às suas escolhas. A família cobra que os filhos estudem e tenham uma profissão, e geralmente não enxerga a dança como um meio de ganhar dinheiro. “A dança é o que nos move, é o amor, mas a gente tem que procurar um plano B, tem que pensar na realidade”, acredita Isabelle. A dançarina trabalha como auxiliar de biblioteca em uma escola e diz que investe todo o dinheiro que

“INICIALMENTE,
EU OUVIA MUITO
‘VAI PROCURAR
UM EMPREGO,
VAI ESTUDAR, VAI
PROCURAR UMA
PROFISSÃO’. MAS
HOJE EU JÁ GANHO
MEU DINHEIRO COM
O MEU TRABALHO,
SOU PROFESSORA
DE DANÇA

Mayslla, Erro-K

“EU GANHO
DINHEIRO COM O
MEU REQUEBRADO,
COMO A MINHA
FAMÍLIA BIOLÓGICA
ME DIZIA. HOJE EM
DIA EU GANHO
DINHEIRO SIM ME
REQUEBRANDO E
É UMA PROFISSÃO
SÉRIA

Rafael, Mira Ira

ganha em figurino para as apresentações, e por conta disso ouvi constantemente críticas dos pais.

No grupo Mira Ira, Rafael, que é aluno de Teatro do IFCE e professor de dança, diz que em sua família também existiu o preconceito em não ver a dança como um meio de trabalho. “Eu ganho dinheiro com o meu requebrado, como a minha família biológica me dizia. Hoje em dia eu ganho dinheiro sim me requebrando e é uma profissão séria”, afirma Rafael.

A Raquel, que faz Teatro no IFCE e é integrante do Mira Ira, fala que quando decidiu fazer teatro toda a família manifestou preconceito em relação a essa escolha. A postura contra esse preconceito foi encarar e seguir na decisão que escolheu para a sua vida, “deve partir de cada um buscar e lutar pelos seus sonhos”, defende Raquel.

Outro integrante do grupo, o Júnior, que é pedagogo, funcionário público e atualmente também é estudante de teatro, fala do preconceito que sofreu quando resolveu, depois de formado em pedagogia, cursar teatro e fazer dança. Júnior diz que já sofreu vários tipos de preconceito, pela idade (por ter mais de trinta anos), pela escolha da profissão de pedagogo, por dançar e por fazer teatro. O artista enfrenta isso com uma postura muito segura de quem escolheu o caminho certo: “lutar com dignidade, primeiro de tudo se respeitando e mostrando aos outros o que você está escolhendo faz bem e você consegue transmitir este bem ao próximo. No momento em que eu escolhi ser professor, que eu escolhi ser ator e agora dançarino, as pessoas olham e questionam. Hoje eu faço o que eu gosto, e eu gosto de arte e sofro muito preconceito por isso”, conclui Júnior.

Outro integrante do Mira Ira, Erberson, também complementou falando sobre a importância do apoio da família ao profissional das artes. “A minha mãe super me apoia. Eu trabalhava numa loja e eu disse à minha mãe: ‘mãe a gente vai morrer de fome juntos, porque eu vou tentar fazer teatro’. Eu passei no IFCE, hoje em dia a gente não morre de fome, eu trabalho com teatro, dou aulas de dança. Você ser profissional basta você querer, buscar ser profissional sempre”, finaliza Erberson.

Sobre o encontro

Erberson aproveitou sua fala para registrar a importância do que vivenciaram com essa troca de experiências entre grupos diversos.

“Esse encontro é super importante, porque a gente está misturando as nossas danças, vendo os outros e mostrando a nossa dança. Isso nos motiva a continuar dançando. E eu não danço só as danças populares, eu faço capoeira, teatro, Hip Hop. Eu tenho vontade de dançar qualquer dança, porque o que move meu corpo é a dança. Então, às vezes, os grupos se fecham muito em seus estilos e isso é limitar a oportunidade de experimentar outras danças” (Erberson, Mira Ira).



15 de maio

Intercâmbios em Dança: Ballet Jane Ruth e Tommy Swing

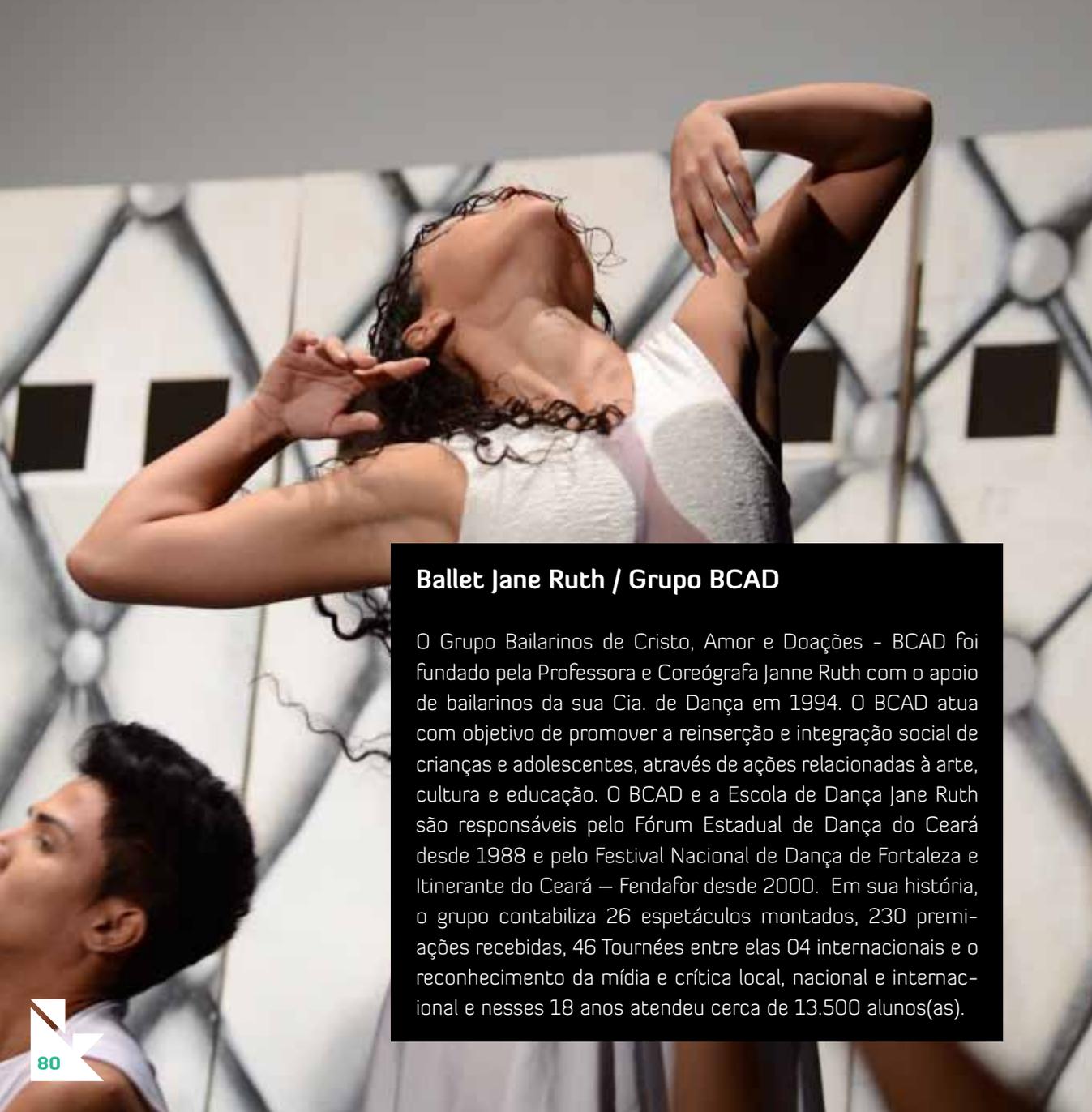
Na segunda noite, no dia 15 de maio, o “intercâmbios em dança” recebeu dois grupos bem distintos, o Ballet Jane Ruth, conceituada escola de dança clássica e contemporânea de Fortaleza, e o grupo Tommy Swing, referência entre os grupos de swingueira da cidade, tendo sido tricampeã na categoria no Estado.



Tommy Swing

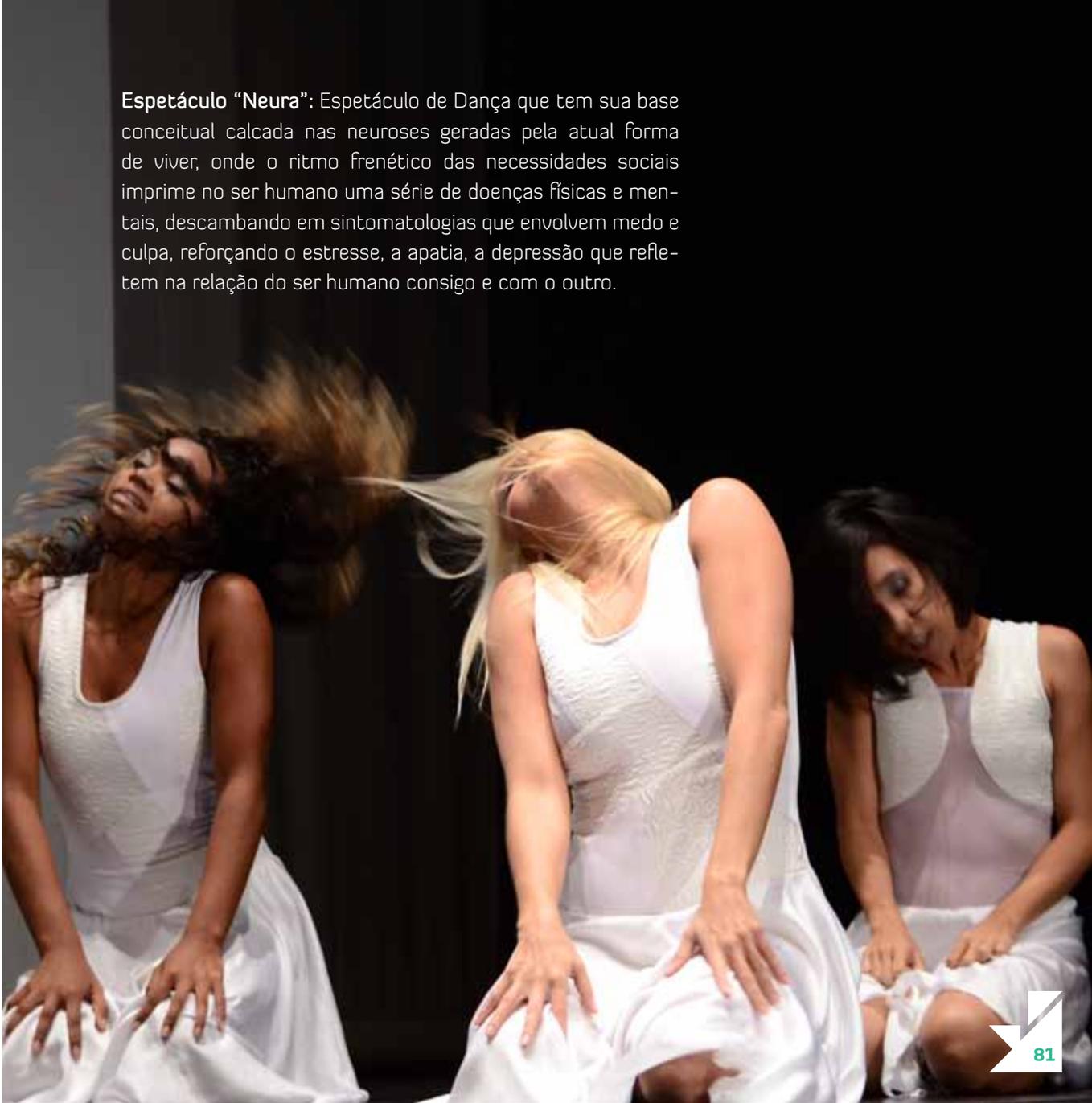
Grupo de swingueira, vencedor de vários festivais nos interiores e capital do estado do Ceará, entre eles o Tricampeonato (2011, 2012, 2013) cearense de swingueira. O grupo é formado por 70 jovens, todos meninos, de diversos bairros da cidade de Fortaleza e cidades vizinhas. O Tommy Swing se diferencia pelo zelo nos figurinos e cenários das apresentações, pelo alto astral e alegria contagiantes dos dançarinos.





Ballet Jane Ruth / Grupo BCAD

O Grupo Bailarinos de Cristo, Amor e Doações - BCAD foi fundado pela Professora e Coreógrafa Janne Ruth com o apoio de bailarinos da sua Cia. de Dança em 1994. O BCAD atua com objetivo de promover a reinserção e integração social de crianças e adolescentes, através de ações relacionadas à arte, cultura e educação. O BCAD e a Escola de Dança Jane Ruth são responsáveis pelo Fórum Estadual de Dança do Ceará desde 1988 e pelo Festival Nacional de Dança de Fortaleza e Itinerante do Ceará – Fendafor desde 2000. Em sua história, o grupo contabiliza 26 espetáculos montados, 230 premiações recebidas, 46 Tournées entre elas 04 internacionais e o reconhecimento da mídia e crítica local, nacional e internacional e nesses 18 anos atendeu cerca de 13.500 alunos(as).



Espetáculo “Neura”: Espetáculo de Dança que tem sua base conceitual calcada nas neuroses geradas pela atual forma de viver, onde o ritmo frenético das necessidades sociais imprime no ser humano uma série de doenças físicas e mentais, descambando em sintomatologias que envolvem medo e culpa, reforçando o estresse, a apatia, a depressão que refletem na relação do ser humano consigo e com o outro.

O processo de criação

Ângela Souza, mediadora do encontro, colocou como ponto de partida do bate papo o processo de criação dos grupos: o que os motiva a criar? Como se organizam para criar? Como escolhem as músicas?

Adisson, do Tommy Swing, começou falando que diante do mundo em que vivem, com drogas, criminalidade e violência, a dança surgiu como uma fuga da ociosidade que é porta de entrada para esse mundo obscuro. “A maioria dos grupos de Swingueira, assim como a gente, veio mais por esta questão, a dança tira esses jovens, que não têm uma boa condição financeira, da ociosidade”, defende Adisson. O jovem diz que o Tommy Swing começou como uma brincadeira e hoje é levado muito a sério, o grupo já possui setenta dançarinos, é tricampeão estadual de swingueira, campeão de Fortaleza, entre vários outros títulos. Além disso, o representante do grupo diz que todos os figurinos, cenários e coreografias são criados pelos próprios integrantes em um processo de criação coletivo.

O bailarino do Ballet Jane Ruth, Júlio César Costa, diz que o processo de criação do grupo parte muitas vezes da própria coordenadora, a Jane Ruth. O que motiva é “alguma indignação, sentimento, abordagem que ela viu ou participou. A partir disso, ela passa para o coreógrafo e ele trabalha toda a movimentação para o espetáculo com os bailarinos, mas é algo que também permite que os bailarinos possam interferir nessa movimentação”, afirma Júlio César. David, também do

Ballet, complementa falando que há um trabalho de pesquisa que é coletivo, feito por todos os integrantes da Cia. “No caso do ‘Neura’, o espetáculo que a gente apresentou, a gente utilizou mais a internet para entender um pouco as neuras cotidianas, não só as neuroses dos loucos; tem a movimentação que é passada pelo coreógrafo, mas cada bailarino coloca a sua identidade no movimento”, explica David.

Clarissa, do Ballet Jane Ruth, pontua as diferenças entre os processos de criação dos grupos. O Tommy Swing tem uma participação mais coletiva e colaborativa de criação. O Ballet Jane Ruth, por sua vez, também há uma separação de tarefas, um responsável pelo figurino, pelo cenário, pela coreografia, mas no entanto o processo é mais segregado, explica Clarissa. “Eu acho que é muito incrível isso que os grupos independentes têm, porque todo mundo acaba colocando a mão na criação”, conclui Clarissa.

Tadeu, aluno de dança do Cuca, diz que ficou muito impressionado com o “Neura”, do Ballet Jane Ruth, e pergunta qual o estilo de dança usado no espetáculo. Jane Ruth, coordenadora do Ballet, explica que eles dançam Contemporâneo.

“É a dança que você pode quebrar todas as regras, do Jazz, do Popular, do Moderno, do Clássico; mas a dança Contemporânea tem uma técnica na qual você vai aplicar no que você sente e pensa na dança. Agora, o Ballet Clássico é o grande mentor dos bailarinos e de qualquer dança” (Jane Ruth, Ballet).

Ainda sobre o processo de criação, o aluno de dança do Cuca, Lindemberg, perguntou aos bailarinos do Ballet como foi a

“A DANÇA CONTEMPORÂNEA TEM UMA TÉCNICA NA QUAL VOCÊ VAI APLICAR NO QUE VOCÊ SENTE E PENSA NA DANÇA. AGORA, O BALLET CLÁSSICO É O GRANDE MENTOR DOS BAILARINOS E DE QUALQUER DANÇA

Jane Ruth, Ballet

“A SWINGUEIRA
CRESCEU AQUI EM
FORTALEZA, JÁ SÃO
MAIS DE 20 GRUPOS,
E TENTAMOS MUDAR
O PENSAMENTO
QUE SE TEM SOBRE
A SWINGUEIRA.
A GENTE ENTRA
EM CENA PARA
MOSTRAR UM
TRABALHO SÉRIO E
ORGANIZADO

Adisson, Tommy
Swing

criação especificamente do espetáculo Neura. Jane Ruth contextualiza que a proposta do espetáculo é revelar as neuroses cotidianas adquiridas com os processos de transformação das sociedades urbanas e rurais. A Kaira, que é bailarina e coreógrafa da Cia, complementa expondo como foi a criação do seu personagem.

“Foram feitas algumas pesquisas com a gente dentro de sala, para a gente responder algumas questões, como encarar um parceiro de frente, como chegar em um movimento. Esse Ballet foi pensado de uma forma técnica, mas quando ele chega no corpo de cada pessoa, não tem jeito, a gente vai alterando ele. Eu acho que tem que ser o mais natural possível, porque o movimento está dentro de você” (Kaira, Ballet Jane Ruth).

Os preconceitos na dança

Luís Alexandre, professor de danças de rua do Cuca, questionou ao grupo Tommy Swing como é a questão do preconceito com a dança que eles escolheram. Adisson responde, em nome do grupo, que há um discurso muito forte que tenta deslegitimar a Swingueira como uma dança e o trabalho do Tommy Swing tenta desconstruir isso em Fortaleza.

“A Swingueira não se tornou ainda uma dança vista pela sociedade como uma dança mesmo, reconhecida, como o Ballet, a dança Contemporânea, o Jazz. A gente vê muito essa barreira do preconceito que vê a Swingueira como algo supérfluo, que não presta. E a gente tenta mostrar para a sociedade que a Swingueira cresceu aqui em Fortaleza, já são mais de 20



A SOCIEDADE VÊ
A SWINGUEIRA
COMO MENINAS
SE EXPONDO
SEXUALMENTE
OU QUE OS
MENINOS SÃO
HOMOSSEXUAIS.
NA VERDADE, NÃO
É NEM UM E NEM
OUTRO

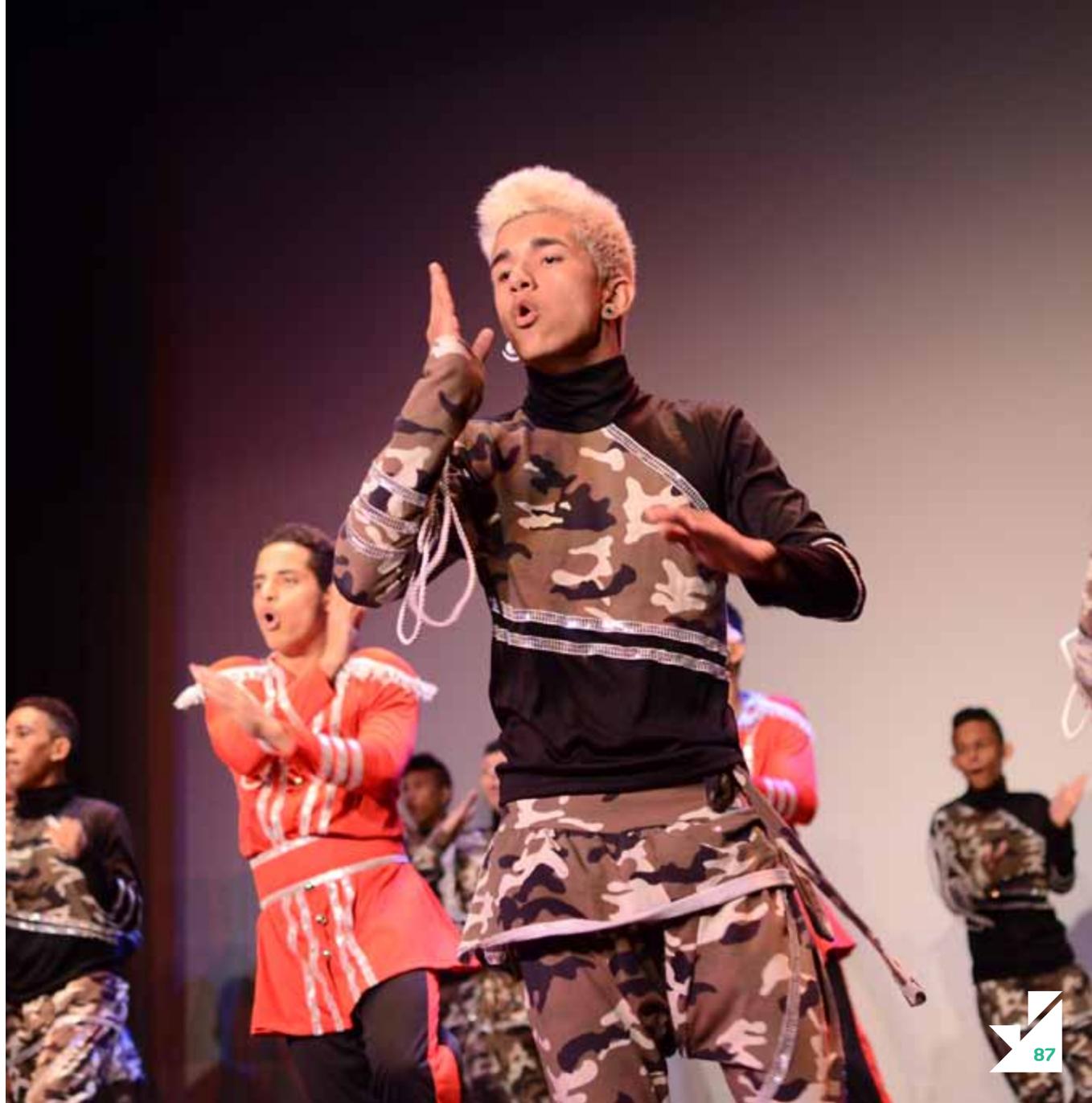
**Francisco José,
Educador Social do
Cuca**

grupos, e tentamos mudar o pensamento que se tem sobre a Swingueira. A gente entra em cena para mostrar um trabalho sério e organizado” (Adisson, Tommy Swing).

Lucas, também integrante do Tommy Swing, complementou a fala de Adisson expondo que o grupo “quer mostrar não só a dança em si, mas o amor à dança, nossa garra, força e determinação”. E é com este sentimento que enfrentam os preconceitos no mundo da dança.

O Educador do Cuca e membro do Movimento Hip Hop Organizado (MH20), Francisco José, mais conhecido como Fofó, aproveitou a ocasião para desconstruir outros preconceitos que existem em relação aos grupos de Swingueira, no que se refere ao conteúdo das letras e o preconceito de gênero.

“A sociedade vê a Swingueira como meninas se expondo sexualmente ou que os meninos são homossexuais. Na verdade, não é nem um e nem outro. A Swingueira é muito parecida com o nosso Break. Os primeiros que começaram a dançar Break aqui em Fortaleza, na praça do Ferreira, naquele momento eles estavam mostrando a dança como uma resistência social. A Swingueira é bem parecida, mas ela tem a vantagem de ser mais organizada, de ter um coreógrafo, um organizador, um coordenador, uma pessoa que faz a roupa, a que faz o cenário. E eles sempre tão pesquisando na internet, buscando mais informações. Outra questão é em relação às letras, a maioria dos grupos de Fortaleza não usam músicas que falam mal de mulher ou da exposição da mulher” (Francisco José, Educador Social do Cuca).





Aproveitando essa semelhança que o educador Fofo identifica entre o Break e a Swingueira, a mediadora do debate compartilhou que quando fazia mestrado em dança na UFBA, em Salvador, questionava aos seus alunos o que eles faziam e eles respondiam que faziam dança de rua, termo que usavam para dizer que dançavam Swingueira. A intervenção de Ângela se coloca para quebrar o conceito no senso comum que diz que dança de rua é apenas o Hip Hop e o Break, na Bahia ela compreendeu que o Axé, o Arrocha, a Swingueira e todas as suas variações são danças urbanas baianas. Assim, em cada sociedade e em cada lugar as danças urbanas vão se diferenciar e se diversificar. “É interessante ver como essas danças se assemelham e se distanciam, porque no final tudo é dança, tudo fala de corpo, tudo fala de movimento ou não movimento, tudo fala de ritmo ou não ritmo”, finaliza Ângela.

O aluno de dança do Cuca, Tadeu, falou ainda que hoje se impressiona quando vê grupos de dança, até mesmo no Hip Hop, com uma quantidade muito grande de meninos dançando. Há pouco tempo, isso era bem menos comum.

“Há uns oito anos, eu era barrado de dançar, eu não podia fazer Jazz no meu colégio, porque Jazz era só para meninas. Eu não tinha coragem de chegar em casa e pedir para os pais para fazer alguma dança, porque eles não iriam me aceitar. Na minha realidade, ainda existe sim muito preconceito na dança. Foi muito difícil quando eu decidi ser coreógrafo, bati na porta de vários colégios, até que eles começaram a me dar oportunidade. Hoje, eu atendo todos os colégios do meu bairro fazendo coreografias para semana de artes” (Tadeu, aluno do Cuca).

A dança e a relação com a família

A relação entre dança e família foi outra questão presente em todas as discussões e encontros da Semana de Artes Cênicas. O debate esteve transversalizado em outras questões, como o preconceito de gênero, o não reconhecimento da dança como meio de trabalho e profissão. Compreendendo que essa é uma discussão latente quando se fala de juventude e dança, a mediadora Ângela Souza questionou os dois grupos como foi e como é a relação com suas famílias.

Adisson, do Tommy Swing, fala que existem os pais que já aceitam o fato de muitos meninos dançarem em um grupo de Swingueira, porém, muitos outros ainda criticam e não aceitam esta escolha dos bailarinos. “Os meus pais, por exemplo, já aceitam, não dizem nada por esta escolha que eu fiz de amor à dança. A minha mãe até é a coordenadora do nosso grupo. Mas já meu pai e meus avós não aprovam e não gostam que eu dance”, diz Adisson. Outro integrante do grupo, o Marcelo, conta que com a sua família já foi diferente, seus pais não aceitam, são muito rígidos. “Quando eu fui morar com a minha avó, foi que fiquei mais liberado, ela me deixou dançar, porque era o que eu queria. Hoje, eles já se acostumaram”, diz Marcelo. Lucas, que também é criado pelos avós, afirma que eles não aceitam que ele dance em um grupo de Swingueira.

Júlio César, do Ballet Jane Ruth, que hoje tem 32 anos, contou que sua experiência foi um caso bem isolado. Quando tinha 10 anos de idade, o pai de Júlio César, com 62 anos na época, incentivou e queria que ele fizesse Ballet. No entanto, o jovem

que não queria fazer Ballet, preferia Karatê. Poucos anos depois, na escola onde estudava, Júlio César se apaixonou pela dança. Hoje, faz 10 anos que participa da Cia de Ballet Jane Ruth.

O grupo como unidade de referência familiar

Além das questões e relações com a família, o próprio grupo de dança passou a ser visto e reconhecido pelos bailarinos como uma unidade de referência familiar. Foi muito presente nas falas dos integrantes a existência de um amor e de um sentimento para com os demais componentes dos grupos reconhecendo-os como uma verdadeira família.

Mayslla, fundadora e coreógrafa do Erro-K, no primeiro dia de intercâmbio, já havia exposto que o que motiva o grupo é a união, a amizade entre as integrantes e o amor pela dança.

No Tommy Swing, por exemplo, os integrantes repetem que se reconhecem como uma verdadeira família. Adisson diz que “são como uma família, todo mundo ajuda para que as coisas deem certo”. Marcelo afirma que “são muito unidos, como uma família, que ajudam uns aos outros”. Lucas complementa falando que são unidos mas também tem os momentos de conflito, como toda família, e é o líder do grupo, o Adisson, que ajuda a manter a boa relação entre os integrantes. “A Tommy Swing é uma família muito grande, é uma família muito bonita”, conclui Lucas.

Daniel, do grupo LA Danças Urbanas, que se apresentou no último dia de Intercâmbio, também falou sobre esse sentimento de ver o grupo como uma verdadeira família e que o que os uniu foi a vontade de dançar e estar juntos.

“OS INTEGRANTES DA TOMMY SWING] SÃO MUITO UNIDOS, COMO UMA FAMÍLIA, QUE AJUDAM UNS AOS OUTROS”

Lucas, Tommy Swing



16 de maio

Intercâmbios em Dança: LA Dança Urbana, Poros e X-Secret

Na terceira noite, no dia 16 de maio, o “intercâmbios em dança” promoveu o encontro entre os grupos LA Dança Urbana, uma companhia de pesquisa e produção em danças urbanas, o Coletivo Poros – Pesquisa e Produção em Artes, também um grupo de pesquisa e produção mas com foco nas danças de salão, e por último um grupo cover de K pop, o X-Secret.



LA Dança Urbana

A Cia L.A. Dança Urbana foi criada pelo professor e coreógrafo Luís Alexandre Pereira. A Cia realiza pesquisa e produção em danças urbanas, incorporando recursos da dança contemporânea e técnicas teatrais. Atualmente o grupo possui 18 integrantes, entre eles jovens alunos do Centro Cultural Bom Jardim e Rede Cuca.



Espetáculo "Rêve": O espetáculo conta o que se passa no sonho de um Clown. A imaginação do Clown faz uma viagem por meio de um universo místico e fantástico, com situações cotidianas em estados de alegria, tristeza e intervenções lúdicas. A pesquisa da composição é desenvolvida através da técnica da dança urbana, técnica do Clown, interferências e recursos da dança contemporânea.



Poros – Pesquisa e Produção em Artes

O coletivo de dança Poros é constituído por seis artistas movidos pelo desejo da pesquisa e da produção cênica. Desde junho de 2011 vêm se servindo do vocabulário da dança de Salão como mote de criação e investigação, elegendo o pensamento-composição em arte e em contemporânea como norteadores desta pesquisa-produção. Para isso, tem buscado uma relação com a Dança de Salão desvinculada de estereótipos e clichês, assim produziu inicialmente trabalhos coreográficos que apostam na reflexão crítica do público e na produção de singularidades. Em dois anos de trabalho apresenta como resultado diversas coreografias em dança de salão além das obras: “Fragmentos: Recorte de Dança a Dois” (2011-2012) e “Bicéfalo” (2013).



Espectáculo “Fragmentos: Recortes de Dança a Dois”: Em sua pesquisa composição, o espetáculo dialoga com as linguagens da dança, do audiovisual e da dança de salão. Busca-se em primeira instância desvelar semelhanças físicas e apresentar recortes de imagens, movimentos, cores e signos inerentes a danças a dois já vivências na trajetória de vida dos bailarinos em cena.





X-Secret

O X-Secret é um grupo cover de K Pop. Em sua primeira formação o X-Secret era cover de PCD e depois tornou-se cover de K Pop. O grupo já se apresentou em lugares como no Cuca Che Guevara e no SANA – Super Mostra Nacional de Animes, que acontece no Centro de Eventos do Ceará.



DANÇA VOCÊ SÓ FAZ EM GRUPO

Ângela Souza

A dança em grupo

“Eu tenho uma professora de dança que diz que dança você só faz em grupo, e nesses três dias de apresentações nós tivemos a oportunidade de ver grupos, pessoas que se reúnem para dançar juntas”. Assim Ângela Souza iniciou a conversa da última noite de Intercâmbios em dança da Semana de Artes Cênicas. Partindo desse lugar da perspectiva da dança em grupo, a mediadora deu início ao debate questionando como é fazer dança em grupo.

O professor de dança de salão do Cuca e dançarino do coletivo Poros, Aurélio Lobo, respondendo à questão proposta, falou que “o grupo realmente surgiu por uma vontade de estarmos juntos, éramos pessoas que nos conhecíamos, tínhamos algo em comum, que era a dança de salão, além da vontade de produzir”. O grupo se reúne em um espaço cedido pelo Sesc, na rua Clarindo de Queiroz, no Centro de Fortaleza.

Ranieli, do X-Secret, falou que o grupo se uniu para dançar músicas que gostavam. Nesse sentido, dançam K pop e outros estilos afins. Praticamente todas as integrantes e o líder do X-Secret, Lucas, se conheceram pela internet e fazem os ensaios do grupo no Cuca da Barra, através do programa Comunidade em Pauta.

O LA Danças Urbanas, por sua vez, surgiu através dos cursos de dança do Centro Cultural Bom Jardim, há quatro anos. O grupo tem como líder e fundador o professor Luís Alexandre, que reuniu os jovens, que em sua maioria é do bairro Bom

Jardim, são todos alunos do professor e se interessaram pelo projeto de montar um grupo de danças urbanas. Daniel, um dos veteranos do grupo LA, falou que o que os uniu foi a vontade de dançar e sair de seus bairros, “a gente queria sair do Parque São José, do Jenibaú, do Marrocos; a galera vai de bicicleta ou a pé do Siqueira até o Bom Jardim, tudo pela vontade de dançar”. O jovem também fez um agradecimento especial ao coordenador e fundador do grupo: “eu queria fazer um agradecimento especial ao Luís Alexandre, que revolucionou o Hip Hop, porque quem diria juntar clown com Hip Hop, teatro com Hip Hop, Contemporâneo com Hip Hop, pop com Hip Hop”, elogia Daniel.

O processo de criação em dança

Andréia, professora de Língua Portuguesa do Cuca Jangurussu, fez uma intervenção produtiva no debate. “Eu acredito muito que o artista é a antena da sociedade, eu acho que ele tem a sensibilidade de captar emoções e traduzir isso em arte”. Nesse sentido, pergunta que postura o artista tem que ter, tendo em vista que ele é a antena da sociedade, para captar e conduzir essa tradução de sentimentos e experiências em dança.

Luisa, aluna da graduação em dança na UFC e integrante do Coletivo Poros, responde ao questionamento pontuando que o artista tem um olhar de pesquisador e a sensibilidade de transformar as coisas simples e cotidianas, que geralmente passam despercebidas, em arte (seja em texto ou dança).

“As pessoas começam a dançar a partir do que elas leem ou vivenciam na sua infância, eu fiquei me perguntando isso e

A DANÇA SALVA, A DANÇA ALIVIA A DOR, A DANÇA TRANSFORMA, A DANÇA RENOVA

Fanny, LA Danças Urbanas

“O ARTISTA É ARTISTA
NA RUA, NO PALCO,
NA TELEVISÃO.
O ARTISTA É ARTISTA
ONDE ELE ESTIVER”

Alan, LA Danças
Urbanas

tentando levar para a minha realidade”, pontua William, do LA Danças Urbanas. O jovem acredita que tudo que está a nossa volta pode ser captado e transformado em dança a partir do sentimento que nos envolve. “Como artista, a gente tem que ter a sensibilidade de fazer um trabalho não só para nos satisfazer, mas que seja um trabalho recíproco, não só para quem faz, mas também para quem assiste”, defende William.

Ranieli, do X-Secret, fala que o grupo difere dos demais por ser um grupo cover: “No nosso caso, a gente dança o que a gente gosta, porque a gente é cover, a gente não cria coreografia, a gente imita. Não temos uma preocupação com a mensagem a ser transmitida, nossa preocupação é estar igual, sincronizado, é estar bonito”.

A dança como profissão e trabalho

Nádia Sousa, Coordenadora de Arte e Cultura do Cuca Barra, perguntou aos bailarinos e, mais especificamente, aos professores de dança do Cuca que se apresentaram com seus grupos, Aurélio e Alexandre: Como é viver de dança? É difícil? É possível? E para os jovens que estão iniciando no mundo da dança, a Coordenadora questionou se eles pretendem seguir um caminho profissional na área.

Para as meninas do grupo X-Secret, a dança é tida mais como lazer e hobby do que uma área profissional a seguir. Milena, uma das integrantes mais jovens do X-Secret, fala que entrou na dança porque gosta da área, mas ainda não se decidiu em relação à sua carreira profissional. Lucas, o líder do grupo, conta que já fez Hip Hop, Dança Contemporânea e Danças



VIVER DE DANÇA
É MATAR UM LEÃO
TODO DIA
Luís Alexandre

Folclóricas, e já quis muito viver de dança, mas, assim como Milena, também tem muitas dúvidas em seguir na dança como uma carreira profissional.

Luiz Carlos, do coletivo Poros, diz que “viver de dança é muito bom, é a melhor coisa do mundo, porém é muito difícil viver dela”. Existem muitas dificuldades a serem enfrentadas, o artista tem que ser produtor, saber de som, entre outros conhecimentos. Além disso, o dançarino ainda tem que ouvir os preconceitos das pessoas que não veem a dança como uma profissão, argumenta o artista.

Aurélio Lobo confessa que tentou não trabalhar com dança por uma semana, mas não conseguiu. “É isso que eu quero. Existem sim as barreiras, mas a gente deve fazer o que a gente gosta, e quando há prazer nisso, tem uma carga motivacional que você recebe a todo instante”, diz Aurélio. O professor também fala que para ele sempre apareceram muitos trabalhos na dança, foram cinco anos sem trabalho remunerado, investindo na formação em dança, mas a partir do primeiro trabalho nunca mais parou de receber propostas e dar aulas de dança.

Mas além das dificuldades próprias do mercado da dança, existem as barreiras do preconceito dentro de casa, na família. O professor Aurélio diz que o seu pai foi vê-lo dançar somente depois de dez anos que ele seguia na profissão. “Então, isso já é uma educação da própria família”, expõe Aurélio.

Um dos membros do LA Danças Urbanas, o Alan, que também é aluno do curso técnico em Dança e professor de dança, fala

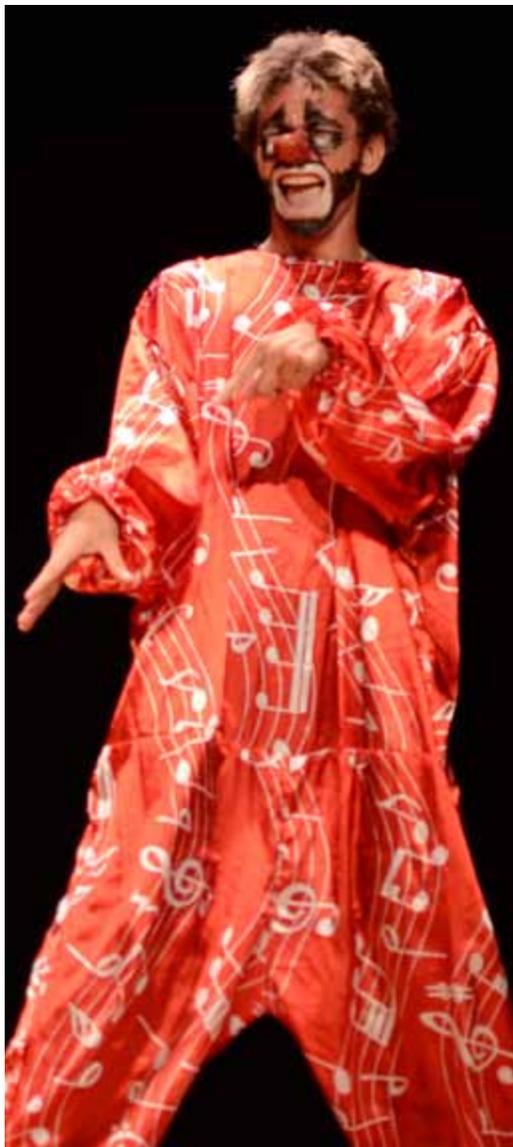
que acha “extremamente difícil viver de dança, mas não saberia viver de outra coisa”. Além disso, Alan diz que é uma profissão na qual ora você é muito aplaudido e ora é muito criticado, então são muitas barreiras que o artista tem que enfrentar.

Luís Alexandre também falou sobre sua experiência em viver de dança.

“Viver de dança é matar um leão todo dia. Todo dia a gente tem que se renovar, tem que se fortalecer. Eu fui criado pelos meus avós e lá em casa todo mundo questionava porque eu não era do Cotam, do Choque, de alguma coisa da polícia, e eu desde jovem fui envolvido com a arte nas periferias. Então, em casa sempre teve muita cobrança. Lá em casa as coisas começaram a mudar quando eu mudei a televisão da sala, depois eu mudei o sofá, a geladeira, tudo com o trabalho da dança. E então eu comecei a ter um pouco de respeito em casa e com os meus amigos, que faziam outras coisas e faziam piadas comigo e com meu pai por eu fazer dança. Hoje, a minha família aceita, vai ver meus espetáculos, tem orgulho do meu trabalho, com a dança que eu desenvolvo aqui em Fortaleza. Mas é complicado, não tem política, não tem mercado, é um mercado informal. Eu fico circulando em vários projetos sociais nesses quinze anos que eu trabalho com dança. E você também tem que fazer produção, tem que criar festivais. Tem que se envolver em outros contextos da dança”. (Luís Alexandre, LA Danças Urbanas).

Luísa, do Coletivo Poros, também relata sua experiência com dança. Ela trabalha profissionalmente na área desde 2006. A bailarina conta que fez graduação para outra área, Biologia,

VIVER DE DANÇA
É MATAR UM LEÃO
TODO DIA. TODO DIA
A GENTE TEM QUE SE
RENOVAR, TEM QUE
SE FORTALECER
Luís Alexandre, LA
Danças Urbanas



e só depois de concluir resolveu assumir que não queria a área da biologia e o que queria era seguir no mundo da dança. “Foi uma revolução quando eu tomei esta decisão, minha mãe nunca foi me ver”, confessa Luísa. Assim como aconteceu com o professor Alexandre, o preconceito na família começou a reduzir depois que a dança começou a gerar renda o suficiente para a dançarina se manter. “Como o Luís Alexandre falou, não é fácil viver de dança, mas dá certo sim se você quiser, se estudar, dá certo”, conclui Luísa.

A mediadora Ângela Souza finaliza o debate compartilhando do mesmo desejo que muitos disseram durante a conversa, a vontade de seguir e agarrar o próprio sonho. “A gente tem que buscar os nossos sonhos, a gente não nasceu com as coisas ganhas, se a gente quiser o que quer que seja, a gente tem que matar um leão por dia, seja moda, designer, dança. A gente tem que fazer o melhor que a gente puder naquilo que escolheu fazer”, conclui Ângela.

ENCON
TROS
TRANS
DISCI
PLINARES



Os **Encontros Transdisciplinares** proporcionaram uma vivência inusitada para os alunos das práticas esportivas da Rede Cuca - Kung Fu, Jiu Jitsu e Natação - a partir de aulas de dança e consciência corporal.

O professor Luís Alexandre, que fez uma prática de dança para os alunos do Jiu Jitsu, falou sobre a importância desse momento de interação durante o encontro:

“A intenção dessa dinâmica foi aproximar pessoas da dança e das artes marciais. Então, a nossa ideia foi de unificar o interesse das pessoas nas atividades que esse espaço (Cuca) oferece, porque, às vezes, você frequenta, mas não conhece. A ideia da Semana de Artes Cênicas foi trazer também um pouco do que a gente faz na dança. E isso é uma troca com vocês das artes marciais, e essa troca é importante, porque faz com que a gente cresça ainda mais como pessoa e como profissional” (Luís Alexandre).

Quando questionados sobre o que acharam da interação com a dança, os alunos do Jiu Jitsu do Cuca Barra, do professor Pirillo Roriz, responderam que foi muito estimulante, divertida, se sentiram bem e gostariam que houvesse mais momentos assim.

O professor e mestre em Jiu Jitsu Pirillo aproveitou o momento e falou sobre a importância dos alunos se permitirem conhecer coisas novas de outras áreas.

“Sempre que tem outra atividade aqui no tatame com outro professor, que envolva dança, respiração, outra atividade paralela qualquer, a princípio o pessoal fica com indisposição, mas depois vai se envolvendo e no final, acredito eu, sempre é nota dez. Nós vemos aqui um número grande de alunos no tatame, com um professor que nunca teve contato antes com eles, não é fácil ter um comando da galera toda, porque, afinal, todo mundo é jovem aqui, a galera vem para lutar. Mas os alunos estão de parabéns por ter colaborado com o professor. E o professor também por ter dominado a turma e por ter feito uma aula tão criativa” (Pirillo Roriz).

“ESSA TROCA É
IMPORTANTE,
PORQUE FAZ COM
QUE A GENTE
CRESÇA AINDA MAIS
COMO PESSOA E
COMO PROFISSIONAL”
Luís Alexandre

Programação

- » Aula de dança para a seleção de Kung Fu com o professor Aurélio Lobo
- » Aula de dança para alunos do Jiu Jitsu com o professor Luís Alexandre
- » Aula de alongamento para alunos da Natação com a professora Roberta.
- » Aula de consciência corporal para alunos do Jiu Jitsu com o professor André Nogueira



EXIBIÇÃO
DE FILMES
E
DOCUMENTEN
TÁRIOS

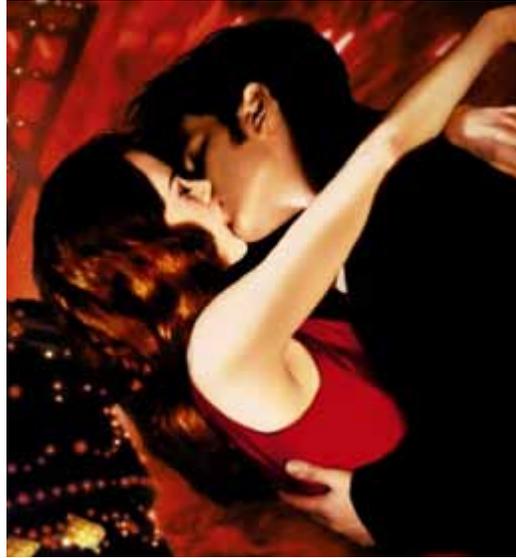


Os filmes e documentários foram exibidos em diversos espaços abertos do Cuca, na sala de matrícula, biblioteca e no pátio do Cuca. As locações de exibição proporcionaram outra forma de interação com os visitantes, que assistiram os filmes de forma descontraída e descompromissada.



Programação

- » **Dirty Dancing – Ritmo Quente (1987)**
Diretor: Emile Ardolino
- » **Cantando na Chuva (1952)**
Diretor Stanley Donen com Gene Kelly
- » **Ela Dança, eu Danço (2006)**
Diretor Anne Fletcher
- » **Cisne Negro (2011)**
Diretor Darren Aronofsky
- » **Tango (1998)**
Diretor Carlos Saura
- » **Embalos de sábado à noite (1977)**
Diretor John Badham
- » **Billy Elliot (2000)**
Diretor Stephen Daldry
- » **Cabaret (1972)**
Diretor Bob Fosse
- » **Grease – Nos Tempos da Brilhantina (1978)**
Diretor Robert Kleiser
- » **Moulin Rouge – Amor em Vermelho (2001)**
Diretor Baz Luhrmann
- » **Chicago (2002)**
Diretor Rob Marshall
- » **Flashdance (1983)**
Diretor -Adrian Lyne
- » **Footloose (2011)**
Diretor - Herbert Ross
- » **Vem Dançar Comigo (1992)**
Diretor Baz Luhrmann
- » **Hairspray (2007)**
Diretor Adam Shankman
- » **Só Quando eu Danço (2009)**
Diretor Beadie Finzi
- » **Rock Horror Picture Show (1975)**
Diretor Jim Sharman
- » **Pina (2011)**
Diretor Wim Wenders
- » **Chorus Line (1985)**
Diretor Richard Attenborough
- » **All That Jazz (1979)**
Diretor Bob Fosse
- » **Nine - (2009)**
Diretor - Rob Marshall



WWW.FORTALEZA.CE.GOV.BR/REDECUCA

 /redecuca

 /juventudefortaleza

 /prefeituradefortaleza

 @redecuca

 @juventudepmf

 @juventudefortaleza



**Prefeitura de
Fortaleza**
Coordenadoria de Juventude